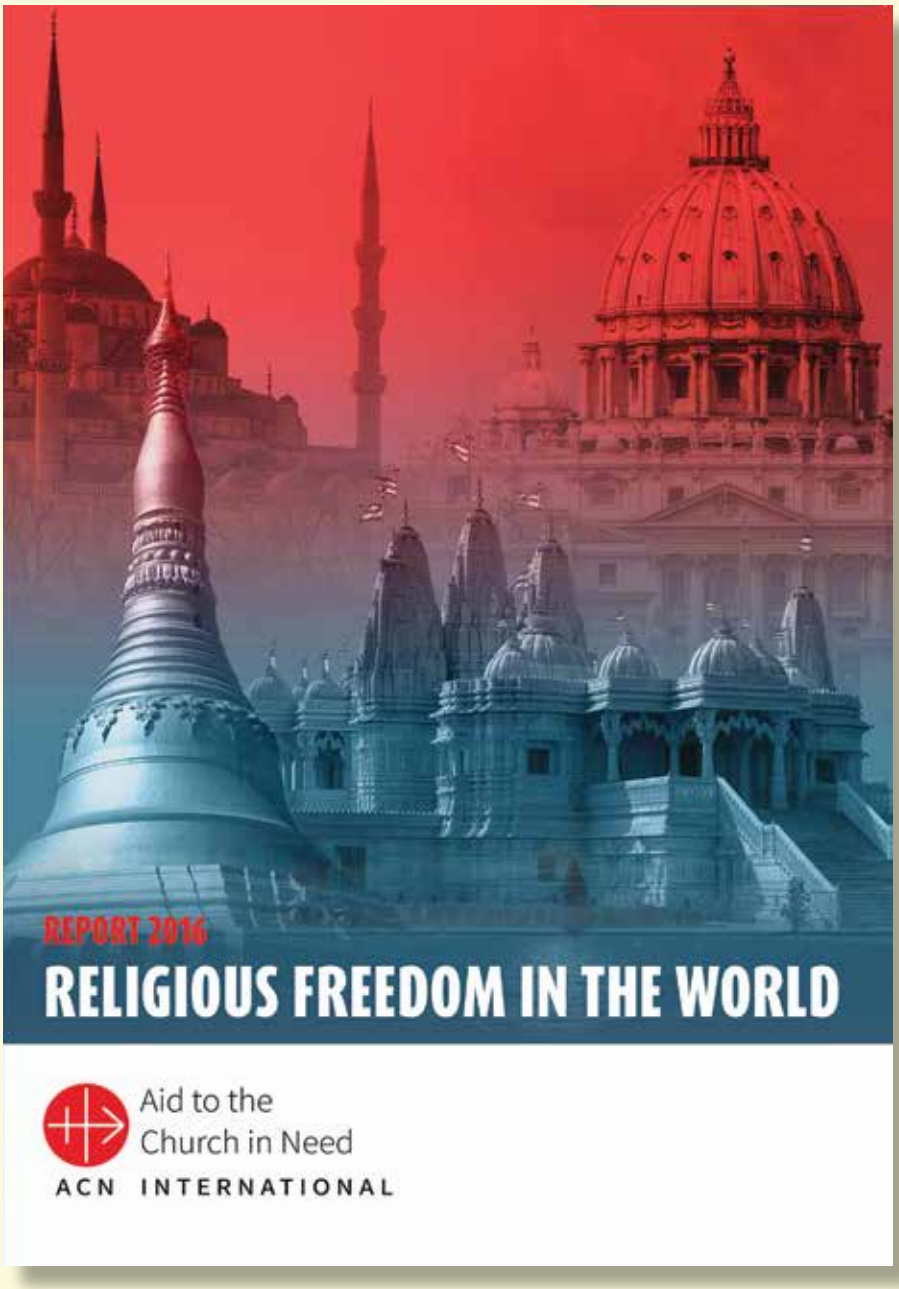
LIBERDADE RELIGIOSA NO MUNDO

SUMÁRIO EXECUTIVO 2016

Ajuda à Igreja que Sofre

ACN BRASIL

O relatório completo da **Liberdade Religiosa no Mundo** pode ser consultado em **religious-freedom-report.org**



O relatório de 2016 é a 13.ª edição do Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo da Fundação Pontifícia ACN (Ajuda à Igreja que Sofre), elaborado de dois em dois anos. O relatório avalia questões relacionadas com a liberdade religiosa de todos os grupos religiosos em 196 países. É publicado em inglês, holandês, francês, alemão, italiano, português e espanhol.

Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo

Editor-Chefe: John Pontifex | Editora: Marcela Szymanski

Presidente do Comitê Editorial: Peter Sefton-Williams

Comitê Editorial: Marc Fromager, Maria Lozano, Raquel Martin, Marta Petrosillo, Mark von Riedemann, Roberto Simona e Marta Garcia Campos

Edição e correção: David Black, Johnny Church, Tony Cotton, Clare Creegan, Catherine Hanley, Caroline Hull, Christopher Jotischky-Hull, Michael Kinsella, John Newton, Elizabeth Rainsford-McMahon, Tony Smith, Heather Ward

LIBERDADE RELIGIOSA NO MUNDO

Relatório 2016

Sumário Executivo

Ajuda à Igreja que Sofre

ACN BRASIL

ÍNDICE

Prefácio do Padre Jacques Mourad 5
Resumo das Conclusões 6
Principais Conclusões 9
Países com Violações Significativas da Liberdade Religiosa
Mapa 30
Tabela 32

Contextos
O grupo Estado Islâmico (EI) está cometendo genocídio? 10
O Islamismo sunita e xiita por comparação e contraste 16
Liberdade religiosa e prosperidade econômica 24

Estudo de Casos
Iraque: Uma adolescente yazidi, violada pelo grupo Estado Islâmico (EI), fala aos deputados 8
Quênia: 148 mortos em ataque à universidade 12
Reino Unido: Comerciante muçulmano ahmadi morto depois de desejar "Feliz Páscoa" 14
França: Reféns mortos durante ataque a um mercado kosher em Paris 18
Mianmar: Monge budista lidera campanha antimuçulmanos 20
China: Símbolos de fé destruídos 22
Paquistão: Jogo de futebol inter-religioso 25
Morrocos: Declaração muçulmana procura proteger minorias religiosas 26
Vaticano: Papa recebe Grande Imã em encontro histórico 28

Sumário Executivo | Compilação de Estudos de Caso: **Clare Creegan** | Editor de Projeto: **John Newton** | Designer: **Helen Anderson**

A imagem da capa mostra o encontro do Xeique do Egito, Ahmed el-Tayyib, Grande Imã da Mesquita de Al-Azhar, com o Papa Francisco numa audiência privada no Vaticano, 23 de maio de 2016. © L'Osservatore Romano.

© 2016 Aid to the Church in Need

PREFÁCIO

Padre Jacques Mourad

O sacerdote sírio-católico, Padre Jacques Mourad, foi detido pelo grupo Estado Islâmico (EI), mas fugiu cinco meses depois.

A importância da liberdade religiosa para mim significa a diferença entre a vida e a morte.

Sou um sacerdote católico da Síria e me dedico simultaneamente à sobrevivência do Cristianismo neste nosso centro nevrálgico bíblico e à causa da construção da confiança e do entendimento entre Cristãos e Muçulmanos.

No dia 21 de maio de 2015, fui raptado na Síria pelo grupo Estado Islâmico (EI) e fui encarcerado em Raqqa, que o EI transformou na sua capital.

Durante oitenta e três dias, a minha vida esteve presa por um fio. Temi que cada dia fosse o último. No oitavo dia, o wali (governador) de Raqqa veio à minha cela e convidou-me a considerar o meu cativeiro como uma espécie de retiro espiritual. Estas palavras tiveram um grande impacto em mim. Fiquei espantado por ver que Deus conseguia até usar o coração de um alto responsável do EI para me enviar uma mensagem espiritual. Este encontro marcou uma mudança na minha vida interior e ajudou-me durante o tempo em que estive preso. Mais tarde, fui transferido de volta para a minha cidade, Qaryatain, e a partir daí consegui alcançar a liberdade, graças à ajuda de um amigo muçulmano da região.

Teria sido muito fácil ceder à raiva e ao ódio pelo que me aconteceu. Mas Deus mostrou-me outro caminho. Em toda a minha vida como monge na Síria procurei encontrar ligações com os muçulmanos e que aprendêssemos uns com os outros.

Estou convencido de que, ao longo dos últimos anos, o nosso compromisso em ajudar todos os necessitados na região de Qaryatain, tanto cristãos como muçulmanos, foi a razão pela qual 250 cristãos e eu conseguimos voltar à liberdade.

O nosso mundo oscila à beira de uma catástrofe total à medida que o extremismo ameaça acabar de vez com todos os vestígios de diversidade na sociedade. Mas se a religião nos ensina alguma coisa é o valor da pessoa humana, a necessidade de respeitar uns aos outros como dom de Deus. Por isso, certamente deve ser possível ter uma fé apaixonada na própria crença religiosa e ao mesmo tempo respeitar o direito dos outros de seguirem a sua consciência, de viverem a sua própria resposta ao amor de Deus que nos fez a todos.

Estou profundamente agradecido à ACN (Ajuda à Igreja que Sofre), que continua a dar ajuda de emergência e pastoral ao nosso povo sofredor, pelo seu compromisso com a causa da liberdade religiosa. Este compromisso teve como fruto o relatório de 2016 da Liberdade Religiosa no Mundo.

Se queremos quebrar o ciclo de violência que ameaça engolir o nosso mundo, precisamos substituir a guerra pela paz. Nos dias de hoje, mais do que nunca, é tempo de pôr de lado o ódio religioso e os interesses pessoais e de aprender a amar-nos uns aos outros, tal como as nossas religiões nos pedem para fazer.

RESUMO DAS CONCLUSÕES

Período em análise: junho de 2014 a junho de 2016

1. Este relatório da *Liberdade Religiosa no Mundo* conclui que, no período em análise, a liberdade religiosa diminuiu em onze – quase metade – dos vinte e três países com as piores violações. Nos outros sete países desta categoria, os problemas já eram tão grandes que dificilmente poderiam ficar piores. A nossa análise também revela que, dos trinta e oito países com violações mais significativas da liberdade religiosa, 55% permaneceram estáveis em relação à liberdade religiosa e, em 8%, nomeadamente no Butão, no Egito e no Catar, a situação melhorou.

2. O relatório demonstra que é errada a visão popular de que os governos são sobretudo os culpados da perseguição religiosa. Os atores não estatais (ou seja, organizações fundamentalistas ou militantes) são responsáveis pela perseguição religiosa em doze dos vinte e três países com as piores violações.

3. O período em análise viu surgir um novo fenômeno de violência com motivação religiosa, que pode ser descrita como hiperextremismo islamita, um processo de radicalização intensificada, sem precedentes na sua expressão violenta. As suas características são:

   a) Crença extremista e um sistema radical de lei e governo;

   b) Tentativas sistemáticas de aniquilar ou afastar todos os grupos que não concordem com a sua perspectiva, incluindo correligionários: moderados e aqueles com diferentes tradições;

   c) Tratamento cruel das vítimas;

   d) Uso das redes sociais mais recentes, principalmente para recrutar seguidores e intimidar os opositores através da exibição de violência extrema;

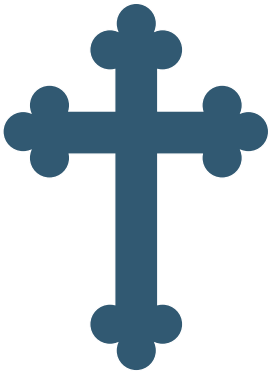
   e) Impacto global, tornado possível através de grupos extremistas filiados e de redes de apoio com bons recursos.

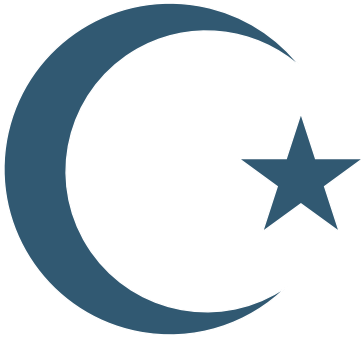
Este novo fenômeno tem tido um impacto contaminante na liberdade religiosa em todo o mundo:

a) Desde meados de 2014, ocorreram ataques islamitas violentos em um de cada cinco países do mundo, desde a Suécia à Austrália, incluindo dezessete países africanos;

b) Em alguns países do Oriente Médio, incluindo a Síria e o Iraque, este hiperextremismo está eliminando todas as formas de diversidade religiosa e está ameaçando fazê-lo igualmente em países da África e da Ásia Meridional. A intenção é substituir o pluralismo por uma monocultura religiosa;

c) O extremismo e o hiperextremismo islamita, observados em países que incluem o Afeganistão, a Somália e a Síria, tem sido um fator-chave na repentina explo-





são de refugiados que, de acordo com os números das Nações Unidas para o ano de 2015, aumentou 5,8 milhões, chegando a um novo número máximo de 65,3 milhões;

d) Na Ásia Central, a violência hiperextremista está sendo usada pelos regimes autoritários como pretexto para uma repressão desproporcionada das minorias religiosas, cerceando liberdades civis de todos os tipos, incluindo a liberdade religiosa;

e) No Ocidente, este hiperextremismo está em risco de desestabilizar o tecido sócio-religioso, com países esporadicamente alvos de fanáticos e sob pressão para receberem números sem precedentes de refugiados, majoritariamente de uma fé diferente das comunidades nativas. Claros efeitos em cascata incluem o aumento de grupos populistas e de direita; restrições ao livre movimento; discriminação e violência contra religiões minoritárias; e um declínio da coesão social, inclusive nas escolas públicas.

4. Houve um aumento nos ataques antisemitas, nomeadamente em países da Europa.

5. Os grupos islâmicos tradicionais estão agora começando a lutar contra o fenômeno do hiperextremismo por meio de posições públicas e outras iniciativas, através das quais condenam a violência e os que estão por trás dela.

6. Em países como a Índia, Paquistão e Mianmar, onde uma religião específica é identificada com o estado-nação, foram dados passos para defender os direitos dessa religião, por oposição aos direitos das minorias religiosas. Isto resultou em restrições mais rigorosas à liberdade religiosa dos grupos minoritários, aumentando os obstáculos à conversão e impondo maiores sanções para a blasfêmia.

7. Nos países com as piores violações, incluindo a Coreia do Norte e a Eritreia, a contínua penalização da expressão religiosa representa a negação total dos direitos e liberdades, por exemplo através do encarceramento de longa duração sem julgamento justo, da violação e do assassinato.

8. Houve uma repressão renovada dos grupos religiosos que se recusam a seguir a linha do partido nos regimes autoritários, como a China e o Turcomenistão. Por exemplo, mais de 2.000 igrejas viram as suas cruzes demolidas em Zhejiang e nas províncias vizinhas.

9. Ao definir um novo fenômeno de hiperextremismo islamita, o relatório corrobora as alegações generalizadas de que, ao atacar cristãos, yazidis, mandeanos e outras minorias, o grupo Estado Islâmico (EI) e outros grupos fundamentalistas estão infringindo a Convenção das Nações Unidas para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio.

Imagem: cortesia de Luke de Pulford

ESTUDO DE CASO **IRAQUE**

Uma adolescente yazidi, violada pelo Grupo Estado Islâmico (EI), fala aos deputados britânicos

Abril de 2016: Uma adolescente yazidi chamada Ekhlas, do norte do Iraque, deu um testemunho pessoal aos deputados britânicos sobre a violência e outras atrocidades levadas a cabo pelo Grupo Estado Islâmico (EI). Ekhlas está entre os muitos yazidis raptados de suas casas em Sinjar pelos extremistas islâmicos. O seu pai e o seu irmão foram assassinados na sua frente. Ela e todas as outras garotas com mais de 8 anos da sua comunidade foram raptadas, encarceradas e violadas.

Ao falar a um grupo restrito de deputados do Parlamento em Westminster, Londres, Ekhlas descreveu ter visto as suas amigas serem raptadas e ter ouvido os seus gritos. Disse conhecer uma menina de 9 anos que foi violada tantas vezes que acabou morrendo. Ela disse ainda que viu um menino de 2 anos ser assassinado na frente da própria mãe. Ekhlas só conseguiu escapar da prisão durante um bombardeio próximo ao local onde estava encarcerada.

A adolescente dirigiu-se aos deputados no dia anterior ao debate na Casa dos Comuns (a Câmara de deputados britânica) sobre uma moção de reconhecimento de genocídio pelo grupo Estado Islâmico (EI) contra yazidis, cristãos e outras minorias. A moção apelava igualmente para que o Governo britânico apoiasse a questão no Conselho de Segurança das Nações Unidas, para que os que realizam estes crimes sejam levados à justiça.

Durante os bastidores do debate de 20 de abril de 2016, a deputada Fiona Bruce apresentou pormenores do relato de Ekhlas e ecoou o pedido da adolescente. A deputada citou as palavras de Ekhlas: "Ouçam-me, ajudem as garotas, ajudem os que estão presos. Peço, encarecidamente, vamos juntar-nos e chamar isto do que realmente é: genocídio. Isto tem a ver com a dignidade humana. Vocês têm uma responsabilidade. O EI está cometendo genocídio porque está tentando nos exterminar."

A moção foi aprovada por 278 votos a favor e zero contra. Os deputados exortaram o Governo britânico a apelar ao Conselho de Segurança da ONU para que remeta os crimes cometidos pelo EI para o Tribunal Penal Internacional.

Fontes: Hansard, Vol. 608, 20 de abril de 2016; Notícias da Fundação ACN (Reino Unido), 21 de abril de 2016

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

por John Pontifex, Editor-Chefe

> Nos mostraram vídeos com decapitações, assassinatos e combates do grupo Estado Islâmico. [Meu instrutor] disse:
>
> "Vocês têm de matar kuffars [infiéis], mesmo que eles sejam os vossos pais e irmãos, porque eles pertencem à religião errada e não adoram a Deus."

Este é um trecho do relato de um rapaz yazidi sobre o que lhe aconteceu quando foi capturado pelo grupo Estado Islâmico (EI) aos 12 anos e treinado para a jihad na Síria. Esta é uma de quarenta e cinco entrevistas com sobreviventes, líderes religiosos, jornalistas e outros que descrevem atrocidades cometidas pela organização terrorista islâmica que constituem a base de um relatório de referência publicado em julho de 2016 pelo Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas.[1] Ao mencionar provas para demonstrar que está acontecendo um genocídio contra os yazidis, o relatório de quarenta páginas esclarece que o grupo Estado Islâmico procurou "destruir" os yazidis desde 2014 e que o ódio religioso é a motivação principal. Este ponto é sublinhado no **estudo de caso** da página 8, que conta a história da adolescente yazidi Ekhlas, que descreve como os militantes mataram o seu pai e irmão por causa da sua religião. E ela própria assistiu impotente à violação repetida de mulheres yazidi, incluindo uma menina de 9 anos que foi tão violentamente abusada sexualmente que acabou morrendo.

A experiência de Ekhlas, e de muitas outras como ela, demonstra a importância da liberdade religiosa como direito humano fundamental. O aumento da cobertura na comunicação social da violência perpetrada em nome da religião – seja ela pelo Boko Haram na Nigéria, o al-Shabaab no Quênia ou os Talibãs no Afeganistão – reflete um reconhecimento crescente sobre a forma como, durante muito tempo, a liberdade religiosa foi "um direito órfão".[2] Com a ajuda do trabalho de ativistas políticos e ONG's, foi alcançado um novo patamar relativo à consciência pública sobre crimes com motivações religiosas e opressão, o que desencadeou um novo debate sobre o lugar da religião na sociedade. **A frequência e intensidade das atrocidades contra yazidis, cristãos, bahá'ís, judeus e muçulmanos ahmadis está aumentando e se reflete no volume de relatos de violência extrema contra minorias religiosas**.

Perante estes crimes, é sem dúvida mais importante do que nunca chegar a uma definição clara e funcional de liberdade religiosa e das suas ramificações para o Governo e o poder judicial. Este relatório reconhece os princípios fundamentais da liberdade religiosa tal como contidos no artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada pelas Nações Unidas em 1948:

> Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.[3]

O foco deste Relatório de *Liberdade Religiosa no Mundo* é o Estado e os atores não estatais (militantes ou organizações fundamentalistas), que restringem ou recusem a expressão religiosa, seja em público ou em privado, e que o fazem sem respeito pelos outros e pelo Estado de direito.

Ao analisar o período de dois anos até junho de 2016, este Relatório de *Liberdade Religiosa no Mundo* avalia a situação religiosa de cada país no mundo. No total, 196 países foram analisados, com um foco especial em cada caso em relação à liberdade religiosa nos documentos constitucionais e em outros documentos estatutários, em incidentes de referência e finalmente na projeção de tendências prováveis. Foram levados em consideração os grupos religiosos reconhecidos, independentemente da sua dimensão numérica ou influência percebida em qualquer país. Cada relato foi depois avaliado, no sentido de criar uma tabela de países onde há violações significativas da liberdade religiosa. Ao contrário do Relatório de Liberdade Religiosa no Mundo de 2014, que categorizava cada país no mundo, **a tabela nas páginas 32-35 e o mapa correspondente nas páginas 30-31** focam-se em trinta e oito países onde as violações da liberdade religiosa vão além das formas comparativamente suaves de intolerância e representam uma violação fundamental dos direitos humanos.

Os países onde estas violações graves ocorrem foram colocados em duas categorias: 'Discriminação' e 'Perseguição'. ***(Para uma definição completa destas duas categorias, visite www.religion-***

[1] Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, "They came to destroy": ISIS Crimes against the Yazidis, 15 de Junho de 2016, p.18 (http://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/ColSyria/A_HRC_32_CRP.2_en.pdf)

[2] *Article 18: an orphaned right, Um relatório do grupo parlamentar informal de vários partidos sobre liberdade religiosa internacional, Junho de 2013.*

[3] Nações Unidas, "Declaração Universal dos Direitos Humanos" (http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/index.html)

CONTEXTO

O grupo Estado Islâmico (EI) está cometendo genocídio?

por Dr John Newton

No dia 3 de fevereiro de 2016, **o Parlamento Europeu tornou-se o primeiro órgão legislativo a reconhecer a morte e perseguição de minorias religiosas no Oriente Médio como genocídio**. O debate aconteceu menos de uma semana depois de a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa ter aprovado uma resolução sobre o mesmo assunto. A moção do Parlamento Europeu, que foi aprovada por unanimidade, mencionou que desde 2014 cerca de 5.000 yazidis foram assassinados e pelo menos 2.000 foram escravizados. A moção citou igualmente provas de que, quando o Grupo Estado Islâmico (EI) avançou pela Planície de Nínive no verão de 2014, mais de 150 mil cristãos fugiram. Entre eles, muitos foram forçados a entregar os seus bens a islamitas violentos. Além disso, a moção referiu o rapto em massa de mais de 220 cristãos no norte da Síria em fevereiro de 2015. Ao tomar esta decisão, o Parlamento Europeu baseou-se na Convenção das Nações Unidas para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio. Na Convenção em questão, genocídio significa qualquer um dos seguintes atos cometidos com intenção de destruir, na totalidade ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso como tal:

a) Matar membros do grupo;

b) Causar danos corporais ou mentais graves aos membros do grupo;

c) Submeter intencionalmente o grupo a condições de existência capazes de ocasionar-lhe a destruição física total ou parcial;

d) Impor medidas destinadas a impedir os nascimentos no grupo;

e) Efetuar a transferência forçada de crianças do grupo para outro grupo.

A convenção da ONU, cujo artigo 2º é citado acima, prevê a referência segundo a qual o crime de genocídio é determinado. Apesar de as noções populares de genocídio apenas serem de "morte deliberada de um grande grupo de pessoas, em especial de uma nação ou grupo étnico específicos" (tal como descrito pelo *Oxford English Dictionary*), a definição da ONU tem uma perspectiva mais abrangente e o artigo 3º da convenção esclarece que não apenas o genocídio, mas também a conspiração para cometer genocídio, o incitamento direto e público a que se cometa genocídio e a cumplicidade num genocídio são também crimes puníveis.

Após a votação da Câmara dos Representantes norte-americana de 383-0 a favor do reconhecimento do genocídio no dia 14 de março, o secretário de Estado norte-americano, John Kerry, declarou: "Segundo a minha análise, o Grupo Estado Islâmico (EI) é responsável pelo genocídio contra grupos em áreas sob o seu controlo, incluindo yazidis, cristãos e muçulmanos xiitas."

No dia 20 de abril, a Câmara dos Comuns britânica reconheceu unanimemente os crimes cometidos pelo Grupo Estado Islâmico (EI) como genocídio. A deputada do Partido Conservador Fiona Bruce, que apresentou a moção, organizou um encontro na noite anterior no qual cristãos e yazidis descreveram os horrores enfrentados ***(Ver estudo de caso do Iraque na página 8***). Fiona Bruce relatou que uma porta-voz da Síria descreveu "os cristãos sendo mortos e torturados, e os filhos a sendo decapitados em frente aos pais. Ela mostrou-nos filmagens recentes suas falando com mães que tinham visto os seus próprios filhos crucificados. Outra mulher tinha visto 250 crianças trituradas em um cilindro de pão e queimadas em um forno. A mais velha tinha 4 anos." Apontando para provas crescentes que apoiam as alegações de genocídio, John Pontifex, Editor-Chefe do Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo, transmitiu no encontro relatos recentes de colegas da Fundação ACN que tinham visto igrejas profanadas na Síria. Falou dos ataques do grupo Estado Islâmico (EI) a uma igreja em Qaryatain onde "os ossos dos antigos jazigos foram espalhados entre os escombros. Todos os símbolos cristãos – cruzes, ícones e altares – foram destruídos." Foram provas como estas que levaram a Câmara dos Representantes australiana a declarar os crimes cometidos contra os cristãos assírios como genocídio no dia 2 de maio.

Contudo, mantém-se a discordância sobre a questão em alguns pontos. A maioria dos deputados do Partido Liberal votaram contra uma moção no Parlamento canadense em junho de 2016. No entanto, no mesmo mês, uma Comissão de Inquérito da ONU sobre a Síria concluiu que o grupo Estado Islâmico (EI) "tinha cometido crime de genocídio, múltiplos crimes contra a humanidade e crimes de guerra contra os yazidis." O relatório da ONU intitulado *They Came to Destroy: ISIS Crimes against the Yazidis* (Eles Vieram para Destruir: Crimes do EI contra os Yazidis) também descreveu a forma como o EI está procurando eliminar o grupo através de uma combinação de assassinatos, escravidão sexual, violações em grupo, tortura e humilhação. Paulo Sérgio Pinheiro, presidente da comissão, disse: "O genocídio ocorreu e continua ocorrendo (…) O grupo Estado Islâmico (EI) sujeitou todas as mulheres, crianças ou homens yazidis que capturou às mais horrendas atrocidades."

freedom-report.org). Nestes casos de discriminação e perseguição, as vítimas habitualmente têm pouca ou nenhuma possibilidade de recorrer à lei.

Na essência, a 'Discriminação' envolve habitualmente uma institucionalização da intolerância, levada normalmente a cabo pelo Estado ou pelos seus representantes de diferentes níveis, com regulamentos legais e outros que enraízam os maus-tratos a grupos de indivíduos, incluindo as comunidades de fé. Exemplos desta situação incluem não ter acesso ou ter graves restrições no acesso a empregos, cargos públicos, financiamento, comunicação social, educação ou instrução religiosa, proibição de culto no exterior das igrejas, mesquitas, etc. e restrições à evangelização, incluindo legislação anticonversão.

Enquanto a categoria 'Discriminação' identifica habitualmente o Estado como o opressor, a categoria 'Perseguição' também inclui grupos terroristas ou atores não estatais, pois o foco aqui está nas campanhas ativas de violência e subjugação, incluindo assassinato, detenção falsa e exílio forçado, bem como danos a bens e expropriação de bens. De fato, o próprio Estado pode frequentemente ser uma vítima, como se vê por exemplo na Nigéria. A partir desta definição, fica claro que 'Perseguição' é uma categoria de pior infração, pois as violações da liberdade religiosa em questão são mais graves e, pela sua natureza, também tendem a incluir formas de discriminação como subproduto. Evidentemente, muitos, se não a maior parte, dos países não classificados nas categorias 'Perseguição' ou 'Discriminação' estão sujeitos a formas de violação da liberdade religiosa. De fato, muitos deles podem ser descritos como países nos quais um ou mais grupos religiosos têm experiência de intolerância. Contudo, com base nas evidências disponibilizadas nos relatórios dos países analisados, quase todas estas violações continuavam sendo consideradas pelas autoridades como ilegais, com a vítima tendo a possibilidade de recorrer à lei. Nenhuma destas violações, muitas das quais por definição são de nível baixo, foi considerada suficientemente grave para ser descrita como significativa ou extrema, as duas palavras de ordem do nosso sistema de categorização. Com base nisto, nos termos deste relatório, elas são apresentadas como 'não classificado'.

Dos 196 países aqui apresentados, trinta e oito revelaram provas inequívocas de violações significativas da liberdade religiosa. Dentro deste grupo, vinte e três foram colocados no nível máximo da categoria de 'Perseguição' e os quinze restantes foram colocados na categoria de 'Discriminação'. Desde que o último Relatório de Liberdade Religiosa no Mundo foi publicado há dois anos, a situação relativa à liberdade religiosa piorou claramente no caso de catorze países (37%), com vinte e um (55%) sem sinais de mudança óbvia. Apenas em três países (8%) a situação melhorou claramente: no Butão, no Egito e no Catar. Em relação aos países classificados com nível de 'Perseguição', onze – pouco menos de metade – foram avaliados como situações onde o acesso à liberdade religiosa está em declínio acentuado. Entre os países classificados com 'Perseguição' que não revelam quaisquer sinais visíveis de melhoria, sete caracterizam-se por cenários extremos (Afeganistão, Iraque, Nigéria (norte), Coreia do Norte, Arábia Saudita, Somália e Síria), onde a situação já é tão ruim que dificilmente se pode tornar pior. Isto significa que há um espaço crescente entre um grupo maior de países com níveis extremos de abuso da liberdade religiosa e aqueles países onde os problemas são menos evidentes, como por exemplo Argélia, Azerbaijão e Vietnã.

Uma forma contagiosa e extremista de Islamismo emergiu como ameaça número um à liberdade religiosa e revelou-se como a principal causa de 'Perseguição' em muitos dos piores casos. Dos onze países apresentados como tendo piorado a perseguição, nove estiveram sob pressão extrema desta violência islâmica (Bangladesh, Indonésia, Quênia, Líbia, Níger, Paquistão, Sudão, Tanzânia e Iêmen). Dos onze países com níveis consistentes de perseguição, sete enfrentam enormes problemas relativamente ao Islamismo: tanto com agressão por atores não estatais como com opressão apoiada pelo Estado (Afeganistão, Iraque, Nigéria, Territórios Palestinos, Arábia Saudita, Somália e Síria).

Ao avaliar temas menores relacionados com estas questões, surgiu o fato de que um aumento em massa na violência e instabilidade ligadas ao Islamismo desempenhou um papel significativo na explosão do número de refugiados. Uma conclusão principal do relatório é a ameaça global colocada pelo hiperextremismo religioso, que aos olhos ocidentais parece ser um culto de morte com intenção genocida. Este novo fenômeno de hiperextremismo é caracterizado por métodos radicais através dos quais perseguem os seus objetivos, que vão além dos ataques suicidas; cometem assassinatos em massa, incluindo formas horríveis de execução, violação, tortura extrema como por exemplo queimar pessoas vivas, crucifixão e atirar pessoas de grandes edifícios. Um marco do hiperextremismo é a evidente glorificação na brutalidade infligida às suas vítimas, que é exibida nas redes sociais.

Tal como testemunhado pelas provas sobre os yazidis acima relatadas, a violência perpetrada por grupos militantes como o EI foi indício de uma total negação da liberdade religiosa. As atrocidades cometidas por estes grupos islâmicos agressivos na Síria, Iraque, Líbia e pelos seus afiliados em outros lugares tem sido sem dúvida um dos maiores retrocessos da liberdade religiosa desde a Segunda Guerra Mundial. O que foi adequadamente descrito como genocídio, de acordo com uma convenção da ONU que usa esse termo,[4] é um fenômeno de extremismo religioso quase sem paralelo ***(ver contexto sobre o genocídio na página 10)***. Os atos agressivos em questão incluem assassinatos generalizados, tortura física e mental, detenção, escravização e, em alguns casos extremos, "a imposição de medidas para impedir que nasçam crianças". [5] Além disso, tem ocorrido apropriação indevida de terrenos, destruição de edifícios religiosos e de todos os vestígios de patrimônio religioso e cultural,

[4] Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio, adoptada pela Resolução (III) A da Assembleia Geral das Nações Unidas de 9 de Dezembro de 1948 (http://www.hrweb.org/legal/genocide.html)

[5] Op. cit., p. 1.

Imagem: Carl De Souza/AFP/Getty images

O resultado da tragédia: paramédicos tratam uma estudante ferida durante o ataque à Universidade de Garissa por homens armados do Al-Shabaab no dia 2 de abril de 2015.

ESTUDO DE CASO **QUÊNIA**

148 mortos em ataque à universidade

Abril de 2015: De acordo com os relatos, 148 pessoas foram mortas num ataque por militantes do Al-Shabaab ao Colégio Universitário de Garissa, no nordeste do Quênia. Naquele que constituiu o mais mortífero ataque até esta data perpetrado pelo grupo terrorista, testemunhas alegaram que extremistas fortemente armados isolaram os estudantes cristãos e os mataram a tiros antes de dispararem indiscriminadamente contra os outros estudantes.

Quatro atiradores islâmicos foram cercados em um dormitório, eles morreram quando os seus coletes suicidas detonaram no momento em que as forças de segurança abriram fogo sobre eles. Um quinto homem foi detido mais tarde.

De acordo com a conta oficial no Twitter do National Disaster Operation Centre (Centro Nacional de Gestão de Catástrofes) do Quênia e com relatos da comunicação social queniana, 587 pessoas conseguiram escapar e 79 ficaram feridas.

Os homens armados lançaram o seu ataque e fizeram reféns durante os momentos de oração no início da manhã. Uma testemunha, que estava no campus durante o ataque, disse que os homens invadiram um local cristão e fizeram reféns. Disse ainda que depois os homens "seguiram para os alojamentos, disparando sobre quem quer que encontrassem pelo caminho, exceto sobre os seus companheiros muçulmanos."

Os militantes separaram os estudantes por religião, permitindo que os muçulmanos fossem embora e mantendo um número desconhecido de reféns cristãos.

O cerco terminou depois de quase quinze horas, com os quatro terroristas mortos pelos membros da Recce, da General Service Unit (uma divisão paramilitar da polícia) do Quênia. Na sequência do episódio o ministro do Interior, Joseph Nkaissery, disse aos meios de comunicação quenianos: "A operação terminou com sucesso. Os quatro terroristas foram mortos."

Garissa era um alvo óbvio. Situada a apenas 145 km da fronteira com a Somália, o campus é frequentado sobretudo por estudantes cristãos, sendo um alvo fácil numa área predominantemente muçulmana.

A falta de segurança no campus tinha sido uma grande preocupação antes dos ataques e, em novembro de 2014, os estudantes tinham realizado um protesto para chamar a atenção para a questão. Após o ataque terrorista, estudantes e pais questionaram porque é que o campus de Garissa era guardado por apenas dois agentes de segurança, especialmente depois dos recentes avisos dos serviços de segurança, amplamente divulgados, da possibilidade de um ataque iminente à universidade. Um centro de formação de professores, nas proximidades de Garissa, tinha enviado estudantes para casa dois dias antes do ataque devido a estas preocupações.

Fontes: Sydney Morning Herald, 6 de abril de 2015; Algemeiner, 7 de julho de 2015; Guardian (online), 23 de novembro de 2015

ESTUDO DE CASO **REINO UNIDO**

Comerciante muçulmano ahmadi morto depois de desejar "Feliz Páscoa"

Imagem: Mike Gibbons/Spindrift

Março de 2016: Um comerciante muçulmano ahmadi foi assassinado em Glasgow num ataque com motivações religiosas. O homem de 40 anos foi brutalmente esfaqueado e encontrado desmaiado na rua, no exterior da sua loja de conveniência, Shah's Newsagents and Convenience Store, em Shawlands, Glasgow. Foi declarado morto quando chegou ao Hospital Universitário Queen Elizabeth. Um muçulmano foi detido em ligação com a sua morte, que a polícia descreveu como tendo "motivações religiosas".

Os relatos iniciais ligaram o assassinato a uma mensagem no Facebook, na qual Shah desejou às pessoas uma feliz Páscoa. No seu último post na rede social, no dia 24 de março, Asad Shah escreveu: "Boa Sexta-feira Santa e uma Páscoa muito feliz, em especial para a minha amada nação cristã! Vamos seguir os passos verdadeiros do amado e santo Jesus Cristo (a paz esteja com ele) e alcançar o verdadeiro sucesso em ambos os mundos."

Contudo, depois de Tanveer Ahmed ter admitido o assassinato e ter sido acusado de homicídio, foi divulgada uma declaração na qual afirmava: "Asad Shah desrespeitou o mensageiro do Islã, o Profeta Maomé, a paz esteja com ele." Ahmed, de 32 anos, relacionou a sua decisão de matar o comerciante aos posts e vídeos nas redes sociais em que Shah alegava ter recebido revelações proféticas de Deus. A declaração concluía: "Se eu não o tivesse feito, outros o fariam e haveria mais mortes e violência no mundo."

Shah era originário do Paquistão. A Constituição do Paquistão proíbe que os ahmadis se refiram a si próprios como muçulmanos. Realizou-se também uma vigília silenciosa no exterior da sua loja, onde participaram centenas de pessoas, incluindo Nicola Sturgeon, a primeira-ministra da Escócia.

Os líderes muçulmanos ahmadis de Glasgow divulgaram uma declaração que dizia: "Isto é profundamente perturbador e estabelece um precedente extremamente perigoso, pois justifica a morte de qualquer pessoa, muçulmano ou não muçulmano, que um extremista considere ter demonstrado falta de respeito pelo Islamismo. (…) A comunidade muçulmana ahmadi acredita firmemente que todas as pessoas devem conseguir praticar de forma pacífica a sua fé, sem receio de perseguição ou violência."

Fontes: National Post (Canadá), 29 de março de 2016; Daily Telegraph, 6 de abril de 2016; BBC News (online), 7 de abril de 2016; página de Facebook de Asad Shah (https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1669750269966472&id=100007945443146&pnref=story)

bem como a subjugação de pessoas a um sistema que insulta quase todos os princípios dos direitos humanos.

Longe do Oriente Médio e de regiões do Norte da África onde o hiperextremismo está claramente bastante desenvolvido, este relatório confirma indicações de propagação de ideologia militante, com movimentos extremistas de lugares tão distantes como o Bangladesh, Nigéria, as Filipinas, a Indonésia e o Paquistão jurando fidelidade ao grupo Estado Islâmico. O surto de violência islâmica na África Subsaariana foi especialmente visível no Quênia, em múltiplos ataques junto à fronteira com a Somália e especificamente na Universidade de Garissa, onde o grupo extremista Al-Shabaab matou 148 pessoas, tendo como alvos estudantes cristãos que foram separados dos seus colegas muçulmanos.[6] ***(Ver estudo de caso sobre o ataque a esta universidade no Quênia na página 13)***. O impacto do extremismo foi sentido igualmente em Glasgow, na Escócia, onde o comerciante Asad Shah, um muçulmano ahmadi, foi assassinado na Páscoa de 2016. Os relatos na comunicação social relacionaram imediatamente o crime com os comentários de Shah no Facebook, desejando "Boa Sexta-feira Santa e Páscoa muito feliz, em especial para a minha amada nação cristã."[7] Contudo, Tanveer Ahmed, o homem acusado do homicídio, emitiu mais tarde uma declaração dizendo que o motivo tinham sido as alegadas reivindicações de visões proféticas por parte de Shah.[8] ***(Ver estudo de caso sobre o assassinato de Shah na página 14)***. O impacto desestabilizador que esta pandemia de extremismo teve no lugar ocupado pela religião na sociedade civil não pode ser subestimado e tem sido reforçado por incidentes terroristas em Bruxelas, Paris e Istambul, para citar apenas três exemplos. **Uma conclusão fundamental do relatório, a ameaça do Islamismo militante, pode ser sentida numa proporção significativa dos 196 países analisados: pouco mais de 20% dos países – pelo menos um em cinco – viveram um ou mais incidentes de atividade violenta, inspirados pela ideologia islâmica extremista, incluindo pelo menos cinco países na Europa Ocidental e dezessete países africanos.**[9]

Um objetivo-chave do hiperextremismo islâmico é desencadear a total eliminação das comunidades religiosas das suas terras natais ancestrais em um processo de êxodo em massa induzido. Como consequência da migração, este fenômeno do hiperextremismo tem sido um dos motores principais na desestabilização básica do tecido sócio-religioso de continentes inteiros, recebendo milhões de pessoas, ou estando sob pressão para recebê-los.

De acordo com números da ONU, calcula-se que até ao final de 2015 havia 65,3 milhões de refugiados, que é o número mais elevado já registrado e que representa um aumento de mais de 9% em relação ao ano anterior. No momento em que escrevemos, os números mais recentes correspondem, em média, a vinte e quatro pessoas sendo deslocadas das suas casas a cada minuto de cada dia durante o ano de 2015.[10] Embora os fatores econômicos desempenhassem um grande papel, os países que contribuíram amplamente para o aumento dos refugiados são centros de extremismo religioso: Síria (grupo Estado Islâmico), Afeganistão (Talibãs) e Somália (Al-Shabaab).[11] Há muitas pessoas que fugiram especificamente por causa de perseguição religiosa; mas a maior parte fugiu por causa de violência; colapso do Governo e pobreza aguda, da qual o extremismo religioso foi causa, sintoma ou consequência; ou os três em simultâneo. Para este feito, o extremismo foi um fator-chave na explosão do número de migrantes. O extremismo religioso desempenhou um papel dominante na criação de Estados de terror que estão sendo esvaziados de pessoas.

As provas revelam que, no Oriente Médio e em regiões da África e do subcontinente asiático, pessoas de todas as religiões estão partindo, mas há níveis desproporcionais de migração entre cristãos, yazidis e outros grupos minoritários que aumentam a possibilidade, ou até a probabilidade, da sua extinção na região. Um exemplo particularmente dramático é Alepo, a cidade síria no centro da guerra civil. A população total diminuiu de 2,3 milhões[12] para 1,6 milhões[13] (30%). No entanto, os principais parceiros de projeto disseram à Fundação ACN que, no mesmo período, os Cristãos tinham diminuído 80%, ficando reduzidos a cerca de 35 mil.[14] O declínio revela sinais de aceleração, com relatos do ano passado advertindo para o desaparecimento do Cristianismo no Iraque em um prazo de cinco anos[15] e os grupos yazidis advertem para o extermínio na região.[16] Esta tendência é tão significativa que **comunidades anteriormente multirreligiosas, especificamente em regiões do Oriente Mé-**

[6] Robyn Dixon, "Christian students at Kenya's Garissa University foretold massacre", Sydney Morning Herald, 6 de Abril de 2016 (http://www.smh.com.au/world/christian-students-at-kenyas-garissa-university-foretold-massacre-20150406-1mf11b.html#ixzz4B50wXQxC)

[7] Auslan Cramb, "Man from Bradford admits killing Glasgow shopkeeper Asad Shah", Daily Telegraph, 6 de Abril de 2016 (http://www.telegraph.co.uk/news/2016/04/06/man-from-bradford-admits-killing-glasgow-shopkeeper-asad-shah/)

[8] Andrew Learmonth, "Man accused of the murder of Glasgow shopkeeper Asad Shah says he was killed for disrespecting the Prophet Mohammad", The National, 7 de Abril de 2016 (http://www.thenational.scot/news/man-accused-of-the-murder-of-glasgow-shopkeeper-asad-shah-says-he-was-killed-for-disrespecting-theprophet-muhammad.16042)

[9] A análise foi limitada por dois fatores-chave: primeiro, tinha de haver provas concretas de violência, como por exemplo bombistas suicidas ou ataques de incendiários, por oposição a relatos não fundamentados ou murmúrios de atividade extremista; segundo, tinha de ser claro que os causadores da violência tinha agido em nome do extremismo islâmico, por oposição a atos aleatórios de terrorismo ou atos com motivos desconhecidos.

[10] Peter Yeung, "Refugee crisis: Record 65 million people forced to flee homes, UN says", Independent, 20 de Junho de 2016 (http://www.independent.co.uk/news/world/europe/refugee-crisis-migrants-world-day-un-a7090986.html)

[11] Ibidem

[12] BBC News, "Profile: Aleppo, Syria's second city" (http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-18957096 acessado em Abril de 2016)

[13] John Pontifex, "Does Christianity have a future in Syria?", The Tablet, 10 de Março de 2016 (http://www.thetablet.co.uk/features/2/8128/does-christianity-have-afuture-in-syria-john-pontifex-visits-homs-five-years-on-to-find-out)

[14] John Pontifex e John Newton, Perseguidos e Esquecidos? Um Relatório sobre os Cristãos Oprimidos por causa da sua Fé 2013-15, Sumário executivo, p. 5.

[15] Francis Phillips, "A significant study of the world's disappearing communities", Catholic Herald, 20 de Janeiro de 2015 (http://www.catholicherald.co.uk/commentandblogs/2015/01/20/a-significant-study-of-the-worlds-disappearing-communities/)

[16] Francis Phillips, "A significant study of the world's disappearing communities", Catholic Herald, 20 de Janeiro de 2015 (http://www.catholicherald.co.uk/commentandblogs/2015/01/20/a-significant-study-of-the-worlds-disappearing-communities/)

CONTEXTO

O Islamismo sunita e xiita por comparação e contraste por Roberto Simona

Dos 1,6 bilhões de muçulmanos em todo o mundo, os sunitas constituem quase 85% da população muçulmana e os xiitas constituem 12%. A Arábia Saudita e o Irã são os campeões destas duas correntes principais do Islamismo.

Os muçulmanos xiitas e sunitas partilham crenças fundamentais comuns. Ambos proclamam a unidade de Deus, ambos proclamam Maomé como o último profeta e ambos consideram o Corão como o seu livro sagrado. Contudo, há diferenças essenciais. Compreendê-las é fundamental para dar sentido ao Islamismo contemporâneo.

Depois da morte de Maomé em 632, quatro califas – Abu Bakr, Omar, Othman e Ali, o primo de Maomé – sucederam ao profeta. A comunidade islâmica, a Umma, acolheu-os como os califas "bem encaminhados", mas a eleição de Ali desencadeou uma guerra civil, ou fitna, entre muçulmanos por causa dos direitos de governo da Umma, que os dividiu desde então.

A palavra xiita significa partidário, do árabe "Shi'at Ali" ou partidários de Ali. Os muçulmanos xiitas acreditam que a liderança da comunidade islâmica pertence a Ali, o primo de Maomé, e que deve permanecer na família do profeta com os descendentes de Ali. Para os sunitas, o sucessor de Maomé deve ser selecionado entre todos os muçulmanos que pertencem à Umma e a sua tarefa consiste em garantir a unidade da comunidade, mas não em ser um guia espiritual. Contudo, para os xiitas, o sucessor tem uma carga espiritual e política. O assassinato de Ali em 661 consolidou este cisma importante no Islamismo. Desde então, sunitas e xiitas passaram por períodos sucessivos de guerra para estabelecerem a sua hegemonia confessional e territorial.

Os séculos XX e XXI viram o aumento dos movimentos sunitas radicais, como a Irmandade Muçulmana no Egito, os wahabitas na Arábia Saudita; e a al-Qaeda e o grupo Estado Islâmico (EI) na Síria e em outras partes do mundo muçulmano. Este extremismo sunita foi combatido pela ascendência do regime xiita revolucionário do Aiatolá no Irã, que indiscutivelmente exacerbou a hostilidade entre xiitas e sunitas.

Com o recente levantamento das sanções internacionais, o Irã tornou-se um adversário ainda mais sério das monarquias sunitas do Oriente Médio. Além disso, muitos países árabes sunitas têm populações xiitas significativas que desestabilizam a região. É o caso específico da Síria, onde o regime xiita alauíta de Assad está bloqueado numa terrível guerra civil com a sua população majoritariamente sunita, enquanto o Governo de Assad e o Irã são os dois principais apoiadores do Hezbollah xiita no Líbano.

O conflito em curso no Iraque também tem um carácter confessional, em que o Governo pós-Saddam é dominado pelos xiitas e a maioria árabe xiita está presa em um conflito intermitente com tribos sunitas que frequentemente apoiam o grupo Estado Islâmico (EI). No Bahrein, 70% da população é xiita, enquanto na Arábia Saudita há dois milhões de xiitas houthis inquietos. No Iêmen, no sul da fronteira saudita, eclodiu uma guerra civil entre tribos sunitas e os houthis.

Finalmente, a presença de enormes reservas de petróleo no Irã, no Iraque, na Arábia Saudita e nos emirados do Golfo dá a todas estas tensões mortíferas uma importância internacional, envolvendo diretamente potências externas como a Rússia, a União Europeia e os Estados Unidos.

dio, estão agora se tornando cada vez mais mono-religiosas. O hiperextremismo islâmico também representou uma ameaça à diversidade na comunidade muçulmana, com relatos generalizados de muçulmanos moderados, incluindo os do mesmo ramo do Islã, sendo forçados a partir aos milhares por se recusarem a aceitar o grupo Estado Islâmico e outros grupos extremistas.[17] De fato, a ameaça para os muçulmanos xiitas de extremistas sunitas foi provavelmente maior em termos numéricos do que para as pessoas de outras religiões.[18] Uma análise da nova face do Islamismo em nível global sugere que, em parte, a mudança para o extremismo e a intolerância foi alimentada pelo aumento da violência e rivalidade entre comunidades muçulmanas sunitas e xiitas. Até recentemente, estas formas diferentes do Islamismo conseguiram em grande medida coexistir, mas agora a violência cresceu a um nível tão devastador que está dissipando todas as noções de diversidade religiosa dos países e regiões que até recentemente eram referência pela sua pluralidade e pelos seus níveis de tolerância. O conflito entre sunitas e xiitas atraiu as potências mundiais para os lados concorrentes da divisão religiosa, aumentando as repercussões.[19] ***(Ver contexto sobre o Islamismo xiita e sunita na página 16)***.

Com a entrada de um número sem precedentes de refugiados, a Europa enfrenta não só uma crise humanitária de vastas proporções, mas uma crise com repercussões distintas no que diz respeito à constituição religiosa da sociedade. Até recentemente a Europa tem sido dominada quase inteiramente por uma fé e um sistema de valores, o Cristianismo e os princípios básicos da igualdade, liberdade e solidariedade. Um aspecto-chave da crise de migração para o Ocidente é que ela destacou o grande contraste entre os países que recebem refugiados, onde a prática religiosa já está em declínio há muito tempo, e um crescimento generalizado no fervor religioso em muitas outras partes do mundo. Isto aplica-se especificamente à Europa historicamente cristã, aos Estados Unidos, ao Canadá e à Austrália.

Com a Alemanha recebendo 1,1 milhão de migrantes em 2015[20] vindos do Oriente Médio, Ásia e África, os relatos destacaram radicais muçulmanos entre eles pressionando outros refugiados de fé cristã para que se convertessem ao Islamismo.[21] O fato de os refugiados serem majoritariamente muçulmanos fez crescer um debate público já tenso sobre o lugar do Islã na sociedade ocidental, sobretudo depois de ataques violentos, incluindo os ataques na véspera de Ano Novo, que desencadearam críticas à política de imigração do Governo alemão.[22] Houve relatos de que organizações de extrema-direita no Ocidente reagiram à ameaça de violência islâmica, em alguns casos mencionando o Cristianismo para legitimar comportamentos intolerantes ou potencialmente ameaçadores. No Reino Unido, o grupo Britain First realizou "patrulhas cristãs" na "zona leste de Londres ocupada por muçulmanos" como resposta aos ataques de Novembro de 2015, em Paris.[23]

As manchetes sobre a ameaça do Islamismo extremista e violento à Europa "cristã" não puderam ser totalmente descartadas como xenofobia quando se soube que uma pequena parte da nova comunidade tinha sido radicalizada. E os que não caíram nessa categoria sentiram-se pouco à vontade em uma sociedade tão diferente da sua, onde a religião desempenha um papel reduzido ou nulo na vida diária, mas permanece ancorada na identidade nacional. O crescimento da Internet significa que o extremismo religioso e a violência religiosa foram cada vez mais vistos como um fenômeno sem fronteiras geográficas, como foi testemunhado pelo número de jovens muçulmanos, aparentemente radicais, inscrevendo-se online na jihad para viajarem para a Síria e aderirem ao grupo Estado Islâmico (EI). **Na época das novas redes de comunicação, o extremismo religioso tornou-se um agente agregador perigoso entre indivíduos marginalizados e as redes globais do terror, cujo alcance é mais difícil para a polícia e para os serviços secretos.**

O relatório relacionou a violência islâmica com o extraordinário aumento da violência e da intolerância com grupos judaicos. A tendência chamou a atenção em nível mundial com os ataques em Janeiro de 2015 a um restaurante kosher, em Paris, dois dias depois dos assassinatos nos escritórios do jornal satírico Charlie Hebdo. ***(Ver estudo de caso sobre os ataques a um restaurante kosher nas páginas 18 e 19)***. A Liga dos Direitos Humanos B'nai Brith do Canadá recebeu 1.627 relatos de incidentes em 2014: um aumento de 21,7% em relação aos 1.274 incidentes de 2013.[24] Na Austrália, o Conselho Executivo dos Judeus Australianos (ECAJ) registaram 190 incidentes antisemitas nos dezoito meses que decorreram até 30 de setembro de 2015. O ECAJ sugeriu que os ataques estavam relacionados com a fúria muçulmana sobre a violência em curso e a instabilidade nos Territórios Palestinos, em especial na Faixa de Gaza. O aumento dos incidentes antisemitas esteve também ligado aos movimentos neonazistas de direita. Na Suécia, os exemplos de ataques incluíram a vandalização do carro de um judeu em Estocolmo, em Setembro de 2014. Todas as janelas foram quebradas e um cartão plastificado com uma suástica foi colocado por baixo do limpador de para-brisa. Foram atiradas pedras em várias sinagogas de cidades suecas, o que resultou em janelas quebradas.[25]

---

[17] "ISIS launches offensive against Sunni Muslims in Iraq", 26 de Junho de 2016 (http://muslimnews.co.uk/newspaper/world-news/isis-launches-offensive-against-sunnimuslims-in-iraq/)

[18] "ISIS killed more Muslims than people of other religions", EENADU India, 18 de Novembro de 2015 (http://www.eenaduindia.com/News/International/2015/11/18140154/ISIS-killed-more-Muslims-than-people-of-other-religions.vpf)

[19] "Sunni v Shias, here and there", The Economist, 29 de Junho de 2013 (http://www.economist.com/news/middle-east-and-africa/21580162-sectarian-rivalryreverberating-region-making-many-muslims)

[20] "Cologne attacks: New Year's Eve crime cases top 500", BBC News, 11 de Janeiro de 2016 (http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-35277249)

[21] Tom Heneghan, "In Germany, concerns about Muslim refugees harassing Christians", Crux, 7 de Junho de 2016 (https://cruxnow.com/global-church/2016/06/07/germany-concerns-muslim-refugees-harassing-christians/)

[22] "Cologne attacks: New Year's Eve crime cases top 500", op. cit.

[23] https://www.facebook.com/OfficialBritainFirst/info/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info

[24] http://www.bnaibrithaudit.ca/

[25] http://kantorcenter.tau.ac.il/sites/default/files/Scandinavia%202014.pdf

Imagem: Serge Attal/Flash90

ESTUDO DE CASO **FRANÇA**

Reféns mortos durante ataque à mercearia kosher em Paris

Janeiro de 2015: agindo em coordenação com os homicidas que atacaram os escritórios do jornal satírico Charlie Hebdo no dia 7 de janeiro, dois outros jihadistas executaram um ataque destinado à comunidade judaica dois dias mais tarde. Quatro pessoas foram mortas e outras quatro ficaram gravemente feridas num ataque antissemita a um supermercado kosher, em Paris, que terminou quando a polícia invadiu o edifício. Entre os mortos encontrava-se o filho de um conhecido rabino, um pensionista, um professor e um funcionário da loja.

Yoav Hattab (22 anos), Philippe Braham (45 anos), Yohan Cohen (22 anos) e François-Michel Saada (64 anos) foram mortos pelo jihadista Amedy Coulibaly durante um ataque com reféns no supermercado Hyper Cacher, no dia 9 de janeiro de 2015. Amedy Coulibaly, de 32 anos, e a sua companheira Hayat Boumeddiene, de 26 anos, já eram procurados em ligação com um tiroteio mortal contra uma policial, no sul de Paris no dia anterior. Coulibaly foi morto durante o episódio, que marcou o terceiro ataque terrorista na capital francesa em três dias, mas Boumeddiene conseguiu escapar das forças policiais.

A França tem a maior comunidade judaica da Europa e nos últimos anos houve um aumento significativo dos ataques antissemitas.

Após estes acontecimentos, ocorreram outros ataques violentos, cuja responsabilidade foi reivindicada pelo grupo Estado Islâmico (EI). Em novembro de 2015, 130 pessoas foram mortas e 370 ficaram feridas em Paris. Em julho de 2016, oitenta e cinco pessoas morreram e 307 ficaram feridas quando um caminhão avançou contra a multidão em Nice.

Fontes: BBC News (online), 27 de novembro de 2015; Le Monde, 17 de fevereiro de 2015

HABITER OU INVE
HAVERIN
HAVERI

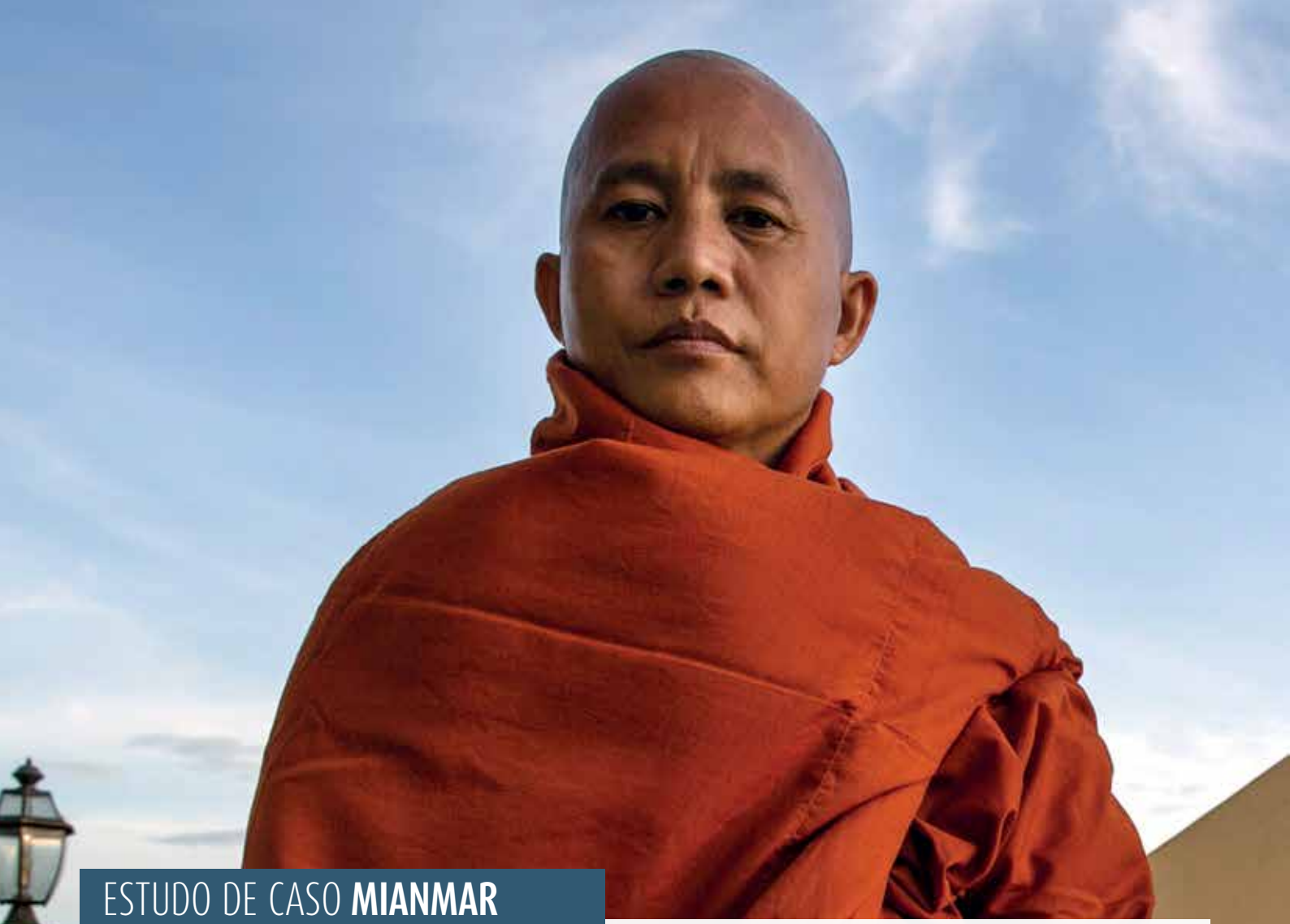


Imagem: Paula Bronstein/Getty images

ESTUDO DE CASO **MIANMAR**

Monge budista lidera campanha antimuçulmanos

Julho de 2014: Tumultos antimuçulmanos em Mandalay, a segunda maior cidade de Mianmar, mataram duas pessoas e feriram mais de dez. Os mortos foram identificados como sendo um budista e um muçulmano. O conflito em Mandalay começou na noite de 1º de julho, quando centenas de budistas atacaram a loja de chá de um muçulmano no bairro de Chan Aye Thar Zan, depois de alegações de que o proprietário tinha violado uma funcionária budista. Os ataques feriram cinco pessoas e levaram a uma segunda noite de violência no dia seguinte.

O Coronel Zaw Min Oo do Departamento de Polícia da Região de Mandalay disse à Radio Free Asia que cerca de quarenta monges e 450 leigos se reuniram nas ruas com "paus e facas". Testemunhas relataram ter visto uma multidão de manifestantes budistas gritando frases antimuçulmanas e atirando pedras contra as casas muçulmanas.

U Wirathu (na imagem), um monge budista de 45 anos do Mosteiro Masoeyein em Mandalay, é considerado por muitos como o fomentador das atitudes antimuçulmanas em Mianmar. Este monge obteve notoriedade ao propagar sentimentos anti-islâmicos no âmbito da sua campanha nacionalista "969", que incentiva os Budistas de Mianmar a rejeitarem as comunidades muçulmanas.

Em 2003, foi condenado a vinte e cinco anos de prisão por incitar o ódio religioso, mas foi libertado em janeiro de 2012. Em outubro, menos de um ano depois de ser libertado da prisão, organizou protestos contra os planos da sede internacional da Organização de Cooperação Islâmica para abrir um escritório no país. Os seguidores do grupo nacionalista com origem nas bases, o movimento "969", acreditam que o país, que é cerca de 90% budista, está ameaçado pelo que alegam ser um crescimento perigoso e rápido da população muçulmana.

O Cardeal Charles Bo de Yangon (Rangum), no seu discurso no Conselho de Direitos Humanos da ONU, em março de 2016, exortou a comunidade internacional a encorajar o Governo de Mianmar a defender a liberdade religiosa. Como consequência dos violentos acontecimentos descritos, o Governo elaborou as Leis de Proteção da Raça e da Religião, que eliminam o direito à conversão e a casar com alguém de fora "da sua raça e religião"

Fontes: Rádio Free Asia (online), 2 de julho de 2014; Vice.Com (http://www.vice.com/read/burmese-bin-laden-swears-hes-a-good-guy), 23 de janeiro de 2014; Irawaddy, 2 de abril de 2013; Cardeal Charles Bo, "The Nation at Crossroads of Challenges and Opportunities" [O País na Encruzilhada de Desafios e Oportunidades], Genebra, 15 de março de 2016

Houve poucos grupos religiosos, se é que houve algum, que não foram nem vítimas nem causadores de perseguições. Este relatório conclui que, entre as comunidades judaicas, budistas e hindus, uma ameaça crescente veio de grupos não tradicionais, mas que se fazem ouvir, muitos dos quais ligando a fé ao patriotismo para criar uma forma de nacionalismo religioso, onde as minorias eram vistas como párias. Em Mianmar, surgiram relatos de que, no dia primeiro de julho de 2014, quarenta monges budistas e 450 leigos caminharam em massa pelas ruas de Chan Aye Thar, com facas e paus, cercando a loja de chá de um muçulmano.[26] ***(Ver estudo de caso de violência antimuçulmana em Mianmar na página 20)***. Em Israel, em um período de muitos ataques com motivações religiosas, os bispos católicos do país apresentaram uma queixa formal em dezembro de 2015 sobre o Rabino Benzi Gopstein. Este rabino fez uma declaração num site ultraortodoxo, afirmando o seguinte: "O Natal não tem lugar na Terra Santa"[27] e apelando à destruição de todas as igrejas em Israel, acrescentou: "Nos deixem tirar os vampiros antes que eles bebam uma vez mais o nosso sangue."[28] Na Índia, "a maior democracia do mundo", o respeito pelos direitos das minorias está cada vez mais ameaçado por grupos extremistas hindus. As organizações "pró-hinduização" são uma fonte de grande preocupação, porque criam um clima que leva os extremistas hindus a atacarem fisicamente as minorias religiosas com relativa impunidade. Uma ameaça deste tipo foi demonstrada em setembro de 2015, quando extremistas hindus alegadamente assassinaram brutalmente Akhlaq Ahmed, um muçulmano que foi acusado de celebrar o Eid (celebração muçulmana) matando uma vaca e comendo a sua carne.[29]

Durante o período em análise, problemas novos e mais profundos emergiram em alguns países onde uma religião específica é identificada com o estado-nação. Os Governos e os legisladores defenderam os direitos dessa fé por oposição aos direitos das minorias.[30] Isto foi evidente em países como a Índia, o Paquistão e Mianmar. O Relator Especial da ONU para a Liberdade Religiosa, Heiner Bielefeldt, advertiu que os governos que aprovem leis que protejam as religiões de ofensas correm o risco de prejudicar as perspectivas de liberdade religiosa. O Relator Especial descreveu o potencial de aumento da segregação pelas linhas religiosas ou étnicas e uma visão popular crescente de que a conversão religiosa representa uma traição à identidade étnica ou racial. **As provas neste relatório sugerem que os países que adotaram uma religião do Estado nas últimas décadas mostram uma tendência para desenvolver "leis antiblasfêmia" que estão abertas ao uso indevido.** No Paquistão, a incapacidade do Governo até o momento de alterar as chamadas Leis da Blasfêmia foi alvo de críticas internacionais crescentes, sobretudo porque os tribunais ficaram evidentemente sob pressão de grupos populistas determinados a defender a honra do Islamismo a todo o custo, comprometendo indiscutivelmente o direito de um indivíduo a ter um julgamento justo. Em julho de 2015, o Supremo Tribunal do Paquistão[31] suspendeu a pena de morte no caso da mulher cristã Asia Bibi, que tinha sido considerada culpada de blasfêmia nos tribunais locais, especificamente no Tribunal Superior de Lahore High.[32] Isto desencadeou novas preocupações de preconceito no sistema legal do país em âmbito local.[33]

A análise dos países governados por regimes com tendências ditatoriais ou autoritárias revelou que o aumento da segurança e dos regulamentos que violavam a liberdade religiosa estavam sendo justificados pela ameaça do extremismo religioso. Países como o Uzbequistão, o Azerbaijão[34] e outros da Ásia Central reagiram à ameaça impondo controles mais rígidos à liberdade religiosa, que foram vistos pelos críticos como indiscriminados, afetando não apenas grupos extremistas, mas também os muçulmanos de todas as tradições e pessoas de outras religiões. No Uzbequistão, uma campanha de secularização levou as forças de segurança, em inúmeras cidades, a obrigarem as mulheres muçulmanas a retirarem o véu islâmico e aos homens foi dito que seriam multados pelo uso de roupas muçulmanas.[35] Uma ordem do Ministério da Educação proibiu menores de 18 anos de participarem nas orações de sexta-feira e multou os seus pais no caso de descumprimento.[36]

A tabela de países com violações significativas da liberdade religiosa produzido para este relatório revela conclusões importantes relativas à evolução do impacto dos regimes com tendências ditatoriais ou autoritárias. Dos vinte e dois países colocados na categoria de 'Perseguição', seis deram provas de problemas graves e generalizados causados pelos estados autoritários. Em dois dos países (China e Eritreia), a situação piorou claramente e, em relação a outros quatro (Mianmar, Coreia do Norte, Turquemenistão e Uzbequistão), a perseguição manteve-se igual à do período de 2012-14. Nestes casos, as provas demonstraram que o Estado rea-

[26] "Anti-Muslim Riots Turn Deadly in Myanmar's Mandalay City", Radio Free Asia, 2 de Julho de 2014 (http://www.rfa.org/english/news/myanmar/riot-07022014164236.html)

[27] "Israel: Bishops protest as Rabbi describes Christians as vampires", *Independent Catholic News*, 23rd December 2015 (http://www.indcatholicnews.com/news)

[28] http://en.lpj.org/2015/08/10/aochl-files-complaint-against-the-rabbi-gopstein/

[29] "India's politics of beef shows its violent side," UCAnews, 7th October 2015 http://www.ucanews.com/news/indias-politics-of-beef-shows-its-violent-side/74387

[30] Heiner Bielefeldt, "Misperceptions of Freedom or Religion or Belief", *Human Rights Quarterly*, Vol. 35 (2013), p. 45.

[31] "Pakistan Supreme Court suspends Asia Bibi death sentence", BBC News, 22nd July 2015 http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-33617186

[32] Morgan Lee, "Asia Bibi's Death Sentence upheld by Lahore High Court", *Christianity Today*, 17th October 2104 http://www.christianitytoday.com/gleanings/2014/october/asia-bibis-death-sentence-upheld-by-lahore-high-court.html

[33] "Pakistan Supreme Court suspends Asia Bibi death sentence", op. cit.

[34] "O país fez recentemente alterações à lei da liberdade religiosa e do combate ao extremismo religioso, que proíbe as pessoas com educação religiosa recebida no estrangeiro de implementarem ritos e cerimónias islâmicas no Azerbaijão." Nigar Orujova, "New religious university may appear in Azerbaijan', Azernews, 8 de Dezembro de 2015 (http://www.azernews.az/azerbaijan/90576.html)

[35] Radio Free Europe/Radio Liberty, 28th April 2015 and 14th June 2015.

[36] Radio Free Europe/Radio Liberty, 24th September 2015.

ESTUDO DE CASO **CHINA**

Símbolos de fé destruídos

Maio de 2015: Novas regras introduzidas na província de Zhejiang levaram à remoção de símbolos de fé na China. As autoridades divulgaram uma proposta de orientações para edifícios que define como devem ser as cores, as dimensões e a localização das cruzes dos locais de culto e dos edifícios que a Igreja é proprietária. De acordo com as novas orientações, os edifícios religiosos não podem exceder a altura de 24 metros e as cruzes nos campanários são proibidas. Em vez disso, os símbolos cristãos devem ser colocados na parede do edifício, mas não podem exceder um décimo do comprimento do edifício em altura e a cruz deve ter uma cor que não se destaque.

A nova proposta surge no meio de uma campanha de demolição de cruzes e igrejas que começou em 2013 em Zhejiang, antes de se propagar para as províncias vizinhas de Henan e Anhui. O Governo argumentou que os edifícios demolidos durante esta campanha infringiam os códigos de construção, embora tanto católicos como protestantes tenham reforçado que muitos dos edifícios foram construídos com a autorização dos responsáveis locais. Em março de 2016, mais de 2.000 igrejas e cruzes tinham sido destruídas.

O Governo da China também fez esforços para promover o processo de 'sinicização', através do qual as religiões devem assimilar cada vez mais a cultura chinesa e alinhar-se com os valores fundamentais do socialismo. A 'sinicização' dá prioridade à lealdade para com o Estado e o Partido Comunista, que têm precedência sobre as crenças religiosas, e pretende fundir o Cristianismo com características chinesas.

Fontes: UCA News, 7 de maio de 2014; Ajuda à Igreja que Sofre, Perseguidos e Esquecidos? Um Relatório sobre os Cristãos Oprimidos por causa da sua Fé 2013-15.

Imagem: China Aid

firma o seu controle tendo como alvo os grupos religiosos que são considerados uma ameaça à 'ordem'. **Um surto de detenções, legislação que restringe a liberdade religiosa, retórica estatal contra a pluralidade religiosa e atos esporádicos de violência inspirada pelo Governo voltaram a pressionar grupos religiosos em países tão diversos como a China, o Uzbequistão e vizinhos, e a Índia, bem como em infratores perenes de alto nível, como a Coreia do Norte.** As evidências apontaram para sinais de que os estados autoritários veem a religião como uma força que mina a lealdade para com o Estado, uma forma de influência estrangeira indesejada pela porta dos fundos. No caso do Cristianismo, este é visto como um cavalo de Tróia do imperialismo ocidental.

Na China houve uma nova tendência de relacionar as minorias religiosas com os grupos que incitam à discórdia e à desunião. A detenção contínua de bispos e de outros líderes religiosos considerados uma ameaça para o controle governamental foi associada ao aumento da intolerância de grupos considerados como estando à margem da lei. A política chinesa de "sinicização", pela qual as religiões são obrigadas a assimilar a cultura chinesa e a cortar as raízes das "influências externas", pressionaram os grupos religiosos para que cumpram o maior controle estatal. A não aceitação da regulamentação teve consequências drásticas. Os regulamentos introduzidos em Maio de 2015 em Zhejiang especificavam a cor, o tamanho e a localização das cruzes e a altura dos edifícios religiosos. Esta decisão surgiu no meio de uma campanha para demolir igrejas e cruzes na província de Zhejiang e nas províncias vizinhas, que começou em 2013.[37] ***(Ver estudo de caso sobre remoção de símbolos cristãos de igrejas na China, financiada pelo Estado, na página 22)***. Até março de 2016 foi relatado que mais de 2.000 igrejas e cruzes tinham sido demolidas.[38] A mulher do Pastor Ding Cuimei morreu sufocada quando ela e o marido foram enterrados vivos por protestarem contra as tentativas de demolição da sua igreja. Tanto em 2014 como em 2015, os esforços do Governo para livrar a China da "poluição espiritual" das religiões, incluindo o Cristianismo, significaram que os aspectos "consumistas" das celebrações do Natal, típicas do Ocidente, foram proibidas em certas cidades, como as celebrações das festas de Natal, árvores de Natal e cartões de Natal nas escolas e universidades, em várias cidades.[39] Na região de Xinjiang, funcionários públicos, estudantes e professores foram proibidos em junho de 2015, de jejuarem durante o Ramadã e no início desse ano as autoridades na província de Shanxi deram início à repressão da superstição, tendo sobretudo como alvo os mestres de Feng Shui e os xamãs.[40]

O encarceramento de indivíduos e grupos religiosos supostamente suspeitos continuou na China e piorou na Eritreia, onde 3.000 pessoas foram alegadamente presas por razões religiosas.[41]

Os prisioneiros religiosos são frequentemente enviados para as prisões mais severas. A Coreia do Norte ainda está no topo da lista global de violadores da liberdade religiosa, a ponto de uma investigação da ONU ter descoberto que "há uma negação quase total do direito à liberdade de pensamento, consciência e religião" imposta por um regime que "considera a propagação do Cristianismo como sendo uma ameaça particularmente grave".[42] Os que forem pegos em atividades religiosas secretas enfrentam o encarceramento, a tortura e a execução. Em Mianmar, apesar de grandes campanhas que destacam a luta dos muçulmanos rohingya, estes e outros grupos minoritários continuam sofrendo violência e opressão estatal. **Frequentemente citados como a "minoria mais perseguida no mundo", milhares de rohingya têm vivido em condições desesperadas, concentrados em campos geridos pelo Estado, sem acesso a cuidados de saúde adequados ou assistência humanitária**.[43] Cada vez mais rohingyas estão fugindo para a Malásia, Indonésia ou Tailândia, fazendo uma viagem incerta de barco em mar aberto, para logo se verem "sem pátria" e incapazes de regressar ao seu país de origem.

As tensões sobre o lugar da religião no Ocidente são brandas em comparação com outras partes do mundo, mas aqui os grupos religiosos são pressionados por um processo cada vez maior de secularização. No Ocidente, as questões em torno da fé estão cada vez mais centradas na questão da objeção de consciência. Em uma sociedade secular que trata a religião como um assunto privado e a livre escolha como o direito mais importante, incidente após incidente revelam os problemas que surgem quando médicos, enfermeiros e outros funcionários públicos são ameaçados com a perda de emprego ou uma ação judicial se seguirem a sua consciência, recusando-se por exemplo a realizar abortos ou a presidir uniões civis. O efeito geral consistiu em empurrar a religião para fora da praça pública, sobretudo em termos de direitos dos trabalhadores. É a isto que o Relator Especial da ONU para a Liberdade Religiosa, Heiner Bielefeldt, chama "a privatização forçada da religião".[44] Nos EUA, o Centro Médico Dignity Health-Mercy em Redding, na Califórnia, uma instituição católica fundada pelas Irmãs da Misericórdia, foi levado ao tribunal por uma coligação que incluía a American Civil Liberties Union (União Americana pelas Liberdades Civis) para forçar o centro a permitir que as suas instalações fossem usadas para realizar laqueação de trompas.[45]

Face a este cenário marcado por uma escuridão aparentemente implacável, será que houve sinais de esperança?

---

37 "China says religions are a threat to national security", UCAnews, 7th May 2014 http://www.ucanews.com/news/china-says-religions-are-a-threat-to-national-security/70883

38 AsiaNews.it, 20th May 2014; AsiaNews.it, 24th June 2015; AsiaNews.it, 24th July 2015; China Aid, 15th March 2016.

39 AsiaNews.it, 14th January 2016.

40 AsiaNews.it, 19th June 2015.

41 John Pontifex and John Newton, *Persecuted and Forgotten, A Report on Christians oppressed for their Faith 2013-15, Executive Summary*, p. 23.

42 UN Report of the commission of inquiry on human rights in the Democratic People's Republic of Korea Violations of the freedoms of thought, expression and religion (31) http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/CoIDPRK/Pages/ReportoftheCommissionofInquiryDPRK.aspx

43 "The Rohingyas: The most persecuted people on Earth?", *Economist*, 13th June 2015. http://www.economist.com/news/asia/21654124-myanmars-muslim-minority-have-been-attacked-impunity-stripped-vote-and-driven

44 Bielefeldt, p. 49.

45 Ver relatório de país: Estados Unidos da América, Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo 2016.

CONTEXTO

Liberdade religiosa e prosperidade econômica

por Peter Sefton-Williams

Os resultados de um número crescente de pesquisas revelam uma correlação próxima entre liberdade religiosa e prosperidade econômica. Isto sugere que quanto mais o Governo tenta restringir ou controlar a atividade religiosa, mais provável é que esse país seja mais pobre e menos desenvolvido.

Uma figura chave que traça esta ligação é Brian Grim, presidente da Religious Freedom and Business Foundation (Fundação da Liberdade Religiosa e Empresarial). Em um estudo de 2014 intitulado "Is Religious Freedom Good for Business?" (Será a Liberdade Religiosa boa para os negócios?) em coautoria com Greg Clark e Robert Edward Snyder, encontrou "uma relação positiva entre liberdade religiosa e dez dos doze pilares da competitividade global, tal como esta é medida pelo Índice Global de Competitividade do Fórum Econômico Mundial".

Em outro trabalho de investigação, intitulado "The Price of Freedom" (O Preço da Liberdade) de Brian Grim & Roger Finke, Cambridge, 2011, Grim apoia a afirmação do economista de Harvard e Prêmio Nobel Amartya Sen de que, onde quer que a liberdade religiosa se encontre, também se encontram as outras liberdades, incluindo menos situações de conflito armado, melhores resultados na saúde, melhores oportunidades educativas para as mulheres e níveis mais elevados de rendimentos do trabalho tanto para mulheres como para homens.

Um exemplo dado por Grim da associação entre liberdade religiosa e desenvolvimento humano é o contraste entre a Arábia Saudita e o seu vizinho próximo, os Emirados Árabes Unidos. Grim escreve: "Nos Emirados, onde muitas religiões são legais, as pessoas têm muitas formas de contribuir para a sociedade, tanto através de associações religiosas como através de outros caminhos. As pessoas tendem a trabalhar muito e a envolver-se na sociedade."

"Na Arábia Saudita, no entanto, onde todas as religiões são ilegais exceto uma, há muito menos entusiasmo para trabalhar e muitas pessoas não expressam verdadeiro desejo de contribuir para a sociedade para além do trabalho. Estas experiências, relatadas por muitos em ambos os países, sugerem uma ligação entre o nível de liberdade religiosa em cada país e a vida econômica das pessoas em cada país."

"Por exemplo, o produto interno bruto per capita de 2007 em dólares norte-americanos de paridade de poder de compra (PIB-PPP) nos Emirados corresponde a USD 55,200, quase o triplo do PIB-PPP per capita na Arábia Saudita, que corresponde apenas a USD 20,700."

Outro exemplo que Grim refere é a China. Durante a Revolução Cultural, toda a atividade religiosa foi proibida. E escreve: "A partir do início da década de oitenta, a China abandonou aqueles anos sombrios de total repressão religiosa. Desde então, a economia da China cresceu muito." Embora Grim diga que o Governo chinês continua "restringindo fortemente" os grupos religiosos, o contraste entre a paisagem religiosa variada na China atual e os anos improdutivos da Revolução Cultural é gritante. E conclui: "Alguns chineses sugerem que maior expansão da liberdade religiosa pode ajudar os chineses a alcançarem ainda maior progresso social."

Futebol, fé e liberdade no Paquistão: Da esquerda para a direita: Bispo católico Joseph Arshad de Faisalabad, sacerdote católico Pe. Emmanuel Parvez, fundador do torneio de futebol inter-religioso, jogador de futebol Salim Bad e proprietário do Clube de Futebol Sumundri, Mohammed Shafiq.

ESTUDO DE CASO **PAQUISTÃO**

Jogo de futebol inter-religioso

Novembro de 2016: Uma iniciativa para combater o ódio religioso no Paquistão através da criação de um torneio de futebol para pessoas de todas as religiões provou ser tão bem-sucedida que agora atrai mais de trinta equipes das quatro províncias do país.

A iniciativa, há quinze anos, foi ideia do sacerdote católico Pe. Emmanuel Parvez, que realiza o torneio em Khushpur, uma aldeia maioritariamente cristã em Punjab. Parvez disse: "Os nossos objetivos são criar uma atmosfera de paz e diálogo entre os jovens de vários credos e alimentar a irmandade e a tolerância numa sociedade atormentada pelo terrorismo."

Mohammed Shafiq, proprietário do Clube de Futebol Sumundri, que participa no torneio, disse: "Quero desenvolver relações com as comunidades cristãs e esta é uma maneira maravilhosa de fazer isso."

Ao descrever a forma como o futebol era um esporte de pouca importância no Paquistão e como era sobretudo jogado pelos mais pobres, Shafiq disse: "O Pe. Emmanuel e eu partilhamos uma visão de elevar o perfil do futebol no Paquistão."

Shafiq é responsável pelas relações entre muçulmanos e cristãos no conselho local.

Fonte: Viagem da ACN ao Paquistão feita por John Pontifex (novembro de 2015)

Imagem: Photopin

ESTUDO DE CASO **MORROCOS**

Declaração muçulmana procura proteger minorias religiosas

Janeiro de 2016: Uma conferência de três dias realizada em Marrakesh, Marrocos, exortou os estados muçulmanos a protegerem as minorias não-muçulmanas da perseguição. O encontro apelou para que os líderes garantam a liberdade religiosa para todos.

Acadêmicos muçulmanos de mais de 120 países e centenas de líderes religiosos juntaram-se para condenar publicamente os extremistas islâmicos como por exemplo o grupo Estado Islâmico (EI) e outros grupos de milícias terroristas, num esforço para encorajar as autoridades islâmicas a continuarem desenvolvendo relações com os cidadãos independentemente da identidade religiosa.

A conferência produziu a chamada "Declaração de Marrakesh", um documento que se baseia nos princípios da Carta de Medina, uma constituição do profeta muçulmano que formou a base do estado islâmico multirreligioso em Medina. Sem estar vinculada por lei, a declaração vai ser interpretada por cada país individualmente. O documento estabelece os princípios da "cidadania contratual constitucional", como por exemplo liberdade, solidariedade e defesa, bem como "justiça e igualdade perante a lei".

Exorta igualmente as instituições educativas a protegerem os seus estudantes de materiais que possam promover visões extremistas e de atos de terrorismo, e exorta "os políticos e os tomadores de decisões (…) a apoiarem todas as formulações e iniciativas que se destinem a fortalecer as relações e o entendimento entre os vários grupos do mundo muçulmano".

Fontes: Christianity Today, 28 de janeiro de 2016; Morocco World News, 30 de janeiro de 2016

Durante o período em análise, a investigação sugere que há benefícios mútuos para os negócios onde existe um esforço para a liberdade religiosa ***(Ver contexto sobre liberdade religiosa e prosperidade econômica na página 24)***. Ao falar em encontros acadêmicos para políticos e religiosos em todo o mundo, o Professor Brian J. Grim da Religious Freedom and Business Foundation (Fundação da Liberdade Religiosa e Empresarial) argumentou que promover a liberdade religiosa nos negócios não só permitirá abordar um grande mal social, como também pode se tornar um bem para a recuperação e o crescimento econômico.[46] A sua tese também tinha uma mensagem para os líderes religiosos e os governos: que a opressão das minorias religiosas afasta possíveis investidores capazes de oferecerem empregos e oportunidades muito necessários. Da mesma forma, a promoção das oportunidades econômicas pode reduzir o desemprego e a pobreza, que em si mesmas são terreno fértil para o extremismo e a violência. A falta de liberdade religiosa também promove a existência de cidadãos de segunda classe, privando uma sociedade de contribuições cruciais e potencialmente preciosas de pessoas postas de lado por causa da sua filiação religiosa. Resta saber se estas ideias serão adotadas pelos governos, em especial em países marcados pela opressão religiosa, mas mesmo assim a exposição generalizada da análise do Professor Grim traz esperança para o futuro.

Uma segunda área importante de inclusão foi o desenvolvimento de iniciativas para juntar pessoas de diferentes religiões em cenários que têm probabilidade de quebrar as suspeitas e o ódio. O esporte e as oportunidades de emprego que ultrapassam intencionalmente as fronteiras religiosas têm potencial para um efeito semelhante, sobretudo dado o envolvimento dos líderes comunitários. Um exemplo destaca-se no Paquistão: um torneio de futebol que envolve equipes formadas por muçulmanos e cristãos, organizadas com total cooperação dos líderes muçulmanos e do Bispo católico de Faisalabad.[47] ***(Ver estudo de caso de futebol inter-religioso no Paquistão na página 25)***.

As iniciativas dos líderes mais experientes das religiões do mundo criaram oportunidades de diálogo e maior entendimento, trazendo esperança em uma época de grandes preocupações com o aumento da intolerância e do ódio com base na fé. Quando o Papa Francisco e o Grande Imã da Mesquita Al-Azhar do Cairo se encontraram no Vaticano, no que foi entendido como o primeiro encontro entre o líder da Igreja Católica e a mais importante autoridade do Islamismo sunita, isso deu origem à esperança de que os líderes religiosos pudessem trabalhar em conjunto para contrariar a violência e o extremismo.[48] ***(Ver estudo de caso sobre encontro do Papa Francisco com o Grande Imã na página 29)***. Estas esperanças foram também incentivadas pelo aumento dos indícios de cooperação entre grupos muçulmanos e outros grupos religiosos, determinados em se afastarem dos correligionários com visões extremistas. Também lutaram por defender o papel das minorias nos países cada vez mais dominados por uma religião em detrimento de outras comunidades religiosas. Um exemplo importante ocorreu em Janeiro de 2016 quando acadêmicos muçulmanos de mais de 120 países assinaram uma declaração em Marrakesh, Marrocos, exortando os estados muçulmanos a protegerem de perseguições as minorias de outras religiões.[49] ***(Ver estudo de caso sobre a declaração de Marrakesh na página 26)***.

Como visto, acontecimentos de repercussão internacional durante o período em análise tiveram um impacto profundo e de longo alcance na liberdade religiosa em muitos países por todo o mundo. O surgimento do hiperextremismo islâmico destruiu a liberdade religiosa em regiões do Oriente Médio e ameaça fazer o mesmo em outras partes do mundo. A maior consciência da ameaça sobre minorias religiosas refletiu-se nas ações de políticos, partidos e até de alguns parlamentos, que mais do que nunca estão se pronunciando e agindo em nome dos indivíduos e comunidades perseguidas. Uma luz de esperança pode ser vista no desejo de alguns líderes muçulmanos de montar uma resposta coordenada a este hiperextremismo. As atividades dos serviços de segurança nunca vão conseguir desafiar a ideologia por trás desta ameaça. Só mesmo os líderes religiosos podem assumir este desafio. **Uma conclusão principal é a da necessidade de encontrar novas e coordenadas formas da pluralidade religiosa poder regressar às regiões do mundo onde os grupos minoritários estão sendo "ameaçados na sua própria existência".** [50]

[46] "Seminar highlights links between religious freedom and economic prosperity", UK Baha'i News, 7th March 2016 http://news.bahai.org.uk/2016/03/07/seminar-highlights-links-between-religious-freedom-and-economic-prosperity/

[47] John Pontifex, "Pakistan – Persecution and faith in the future", Aid to the Church in Need (UK), p. 2.

[48] *The Tablet*, 28th May 2016, p. 25.

[49] Karla Dieseldorff, "Marrakech Conference Urges Muslim Countries to Protect Non-Muslim Minorities", Morocco World News, 30th January 2016 http://www.moroccoworldnews.com/2016/01/178607/marrakech-conference-urges-muslim-countries-to-protect-non-muslim-minorities/

[50] Papa Bento XVI, "Message to Aid to the Church in Need", citada em http://www.acnuk.org/middle-east-pope-benedict-xvi-s-top-priority?handle=popemiddle-east.html

Papa recebe Grande Imã em encontro histórico

Maio de 2016: o Papa Francisco e Ahmed el-Tayeb, o Grande Imã da Mesquita de Al-Azhar no Cairo, encontraram-se no Vaticano, no que os representantes de ambas as religiões descreveram como um encontro histórico. O Santo Padre acolheu o seu convidado num gesto de conciliação que foi considerado como marco das relações renovadas entre a Igreja Católica e o Islamismo.

O primeiro encontro entre o líder da Igreja Católica e a autoridade reconhecida no Islamismo sunita realçou uma melhoria significativa nas relações entre as duas religiões desde que Francisco assumiu o pontificado em 2013. O Grande Imã tinha anteriormente suspendido as conversações em 2011, depois de o Papa Bento XVI ter exigido mais proteção para os cristãos na sequência de ataques em Alexandria. O Imã de Al-Azhar acusou o então líder dos 1,2 bilhões de católicos no mundo de interferir em assuntos internos egípcios.

A visita simbólica do Grande Imã, que durou trinta minutos, aconteceu em um momento que ocorrem cada vez mais ataques de extremistas islâmicos a cristãos.

Em seu pontificado, o Papa Francisco está fazendo da melhoria das relações com o Islamismo uma prioridade. Na sua visita a África em novembro de 2015, o Papa lembrou aos líderes participantes que "o diálogo inter-religioso não é uma opção, é uma necessidade".

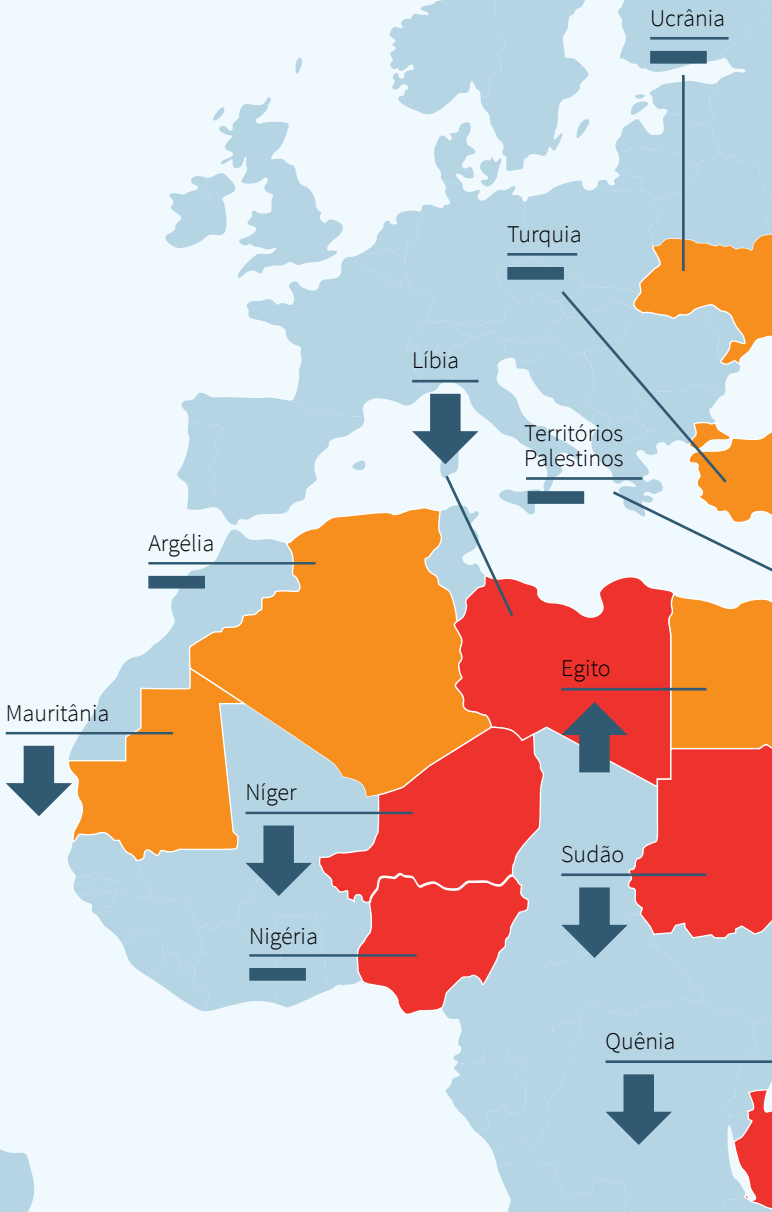
Fontes: The Tablet, 28 de maio de 2016; Catholic News Agency, 26 de novembro de 2015

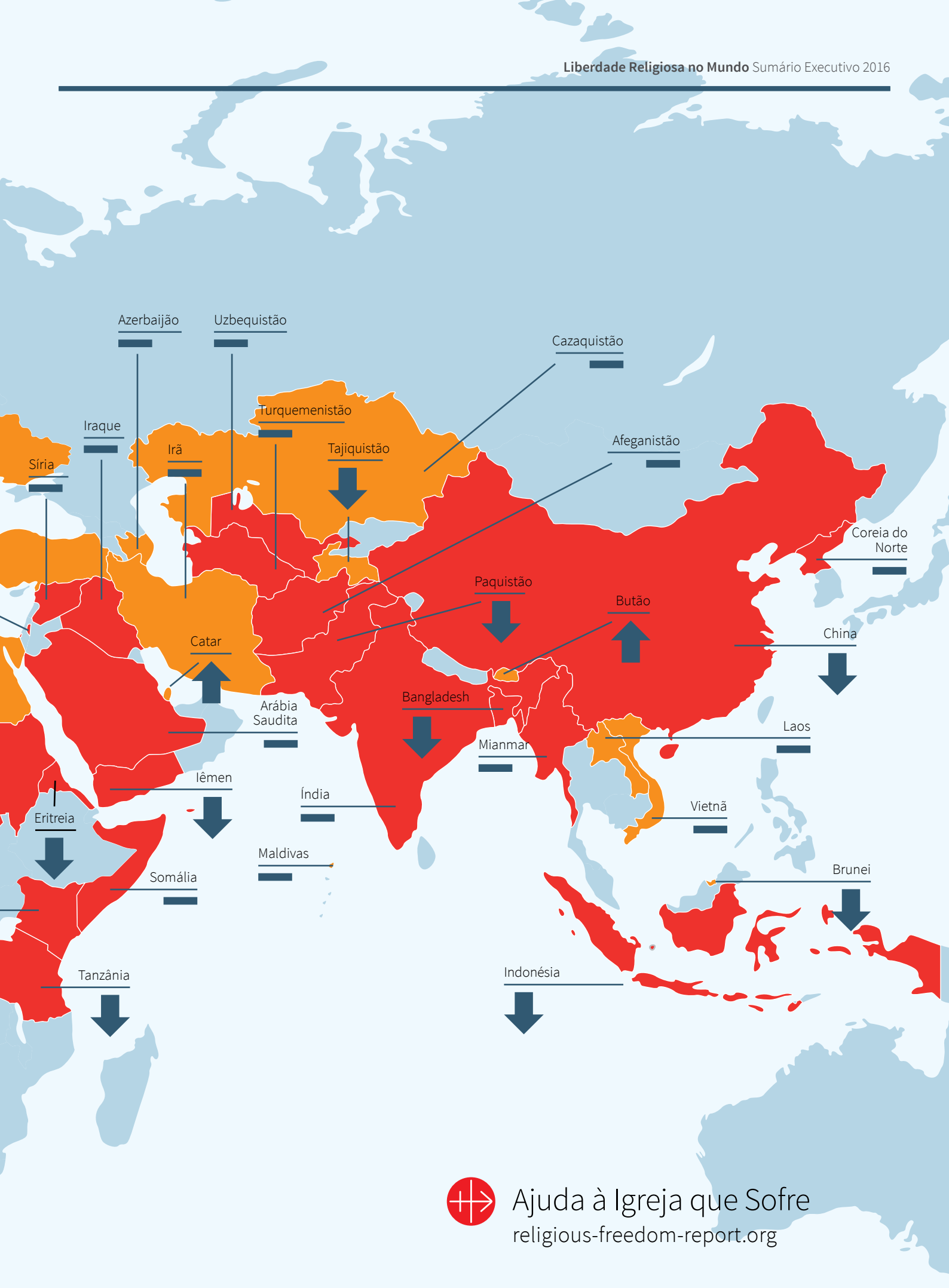
Imagem: L'Osservatore Romano

Países com Violações Significativas da Liberdade Religiosa

Este mapa indica os países em que há um nível significativo de discriminação ou perseguição, de acordo com a análise do Relatório da *Liberdade Religiosa no Mundo*. Para mais detalhes, ver, por favor, o quadro nas páginas seguintes.

Natureza da perseguição/discriminação
= Perseguição
= Discriminação
= Situação melhorou
= Situação manteve-se
= Situação piorou




Azerbaijão
Uzbequistão
Cazaquistão
Turquemenistão
Iraque
Síria
Irã
Tajiquistão
Afeganistão
Coreia do Norte
Paquistão
Butão
China
Catar
Arábia Saudita
Bangladesh
Laos
Mianmar
Iêmen
Índia
Vietnã
Eritreia
Maldivas
Brunei
Somália
Tanzânia
Indonésia
Ajuda à Igreja que Sofre
religious-freedom-report.org

Países com Violações Significativas da Liberdade Religiosa

País	Categoria	Comparação com Junho de 2014	Principal violador	Indicadores-chave
Afeganistão	●	—	Entidades não estatais (locais)	Proibição efetiva das conversões do Islamismo: ameaça de punição severa. Influência crescente dos talibãs com aplicação rigorosa da sharia.
Argélia	●	—	Estado, Entidades não estatais (locais)	Ameaça de multa e cinco anos de prisão para não muçulmanos flagrados fazendo proselitismo. Não muçulmanos que não observem o Ramadã são condenados e detidos em inúmeras cidades.
Azerbaijão	●	—	Estado	Muitas mesquitas fecharam desde 2008. Recusa do Estado em conceder o registro às Testemunhas de Jeová, que frequentemente são alvo de perseguição pela polícia. Recusado o acesso ao país a sacerdotes ortodoxos. Em dezembro de 2015, o presidente aprovou leis que restringem a liberdade religiosa.
Bangladesh	●	↓	Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Quarenta e oito assassinatos em dezoito meses, grupos religiosos minoritários são o principal alvo. Aumento da taxa de ataques fatais a cristãos, hindus e outros, com clero e convertidos mortos e outros sob ameaças. Bispos relacionam o aumento dos ataques com uma decisão do Supremo Tribunal em março de 2016 que confirmou o Islamismo como religião do Estado.
Butão	●	↑	Estado	Não budistas proibidos de prestar culto em público e de fazer proselitismo, apesar do recente lançamento de um movimento estudantil cristão na capital ser motivo de esperança.
Brunei	●	↓	Estado	Introdução da sharia em fases anunciada no Verão de 2014. Minorias religiosas, incluindo os Bahá'ís. Pena de prisão de cinco anos para proselitismo por parte de não muçulmanos. Governo oferece equipamentos para captação de água e outros incentivos para os que se convertem ao Islamismo shafi.
Mianmar	●	—	Estado	Sessenta e seis igrejas destruídas pelo exército desde 2011. Perseguição "sistemática" dos muçulmanos rohingya.
China	●	↓	Estado	Lei da Segurança Nacional (julho de 2015) emite diretivas para as religiões seguirem. Novas regras obrigam ao ateísmo compulsivo dos membros do Partido. Mais de 2.000 igrejas e cruzes demolidas.
Egito	●	↑	Estado, Entidades não estatais (locais)	Repressão estatal aos ataques a coptas e outras minorias, mas mantém-se a proibição de culto no exterior das igrejas. Ataques islamitas esporádicos a cristãos e outros, tendo como alvos edifícios religiosos, raptos e assassinatos.

● = Perseguição
● = Discriminação

↑ = Situação melhorou
— = Situação manteve-se
↓ = Situação piorou

Este quadro indica os países em que há um nível significativo de discriminação ou perseguição, de acordo com a análise do Relatório da *Liberdade Religiosa no Mundo*. Para mais detalhes, ver, por favor, **religious-freedom-report.org**

País	Categoria	Comparação com Junho de 2014	Principal violador	Indicadores-chave
Eritreia	●	↓	Estado	Oitenta e cinco testemunhas de Jeová encarceradas devido à sua recusa de pegar em armas. A muitas foram recusados empregos públicos. Pelo menos 3.000 cristãos entre os presos por causa da sua crença.
Índia	●	—	Entidades não estatais (locais)	Calcula-se que 7.000 pessoas sofreram perseguições em 2014. Em março de 2015, uma religiosa de 70 anos foi violada, no que a polícia descreveu como um assalto, apesar da profanação. O primeiro-ministro nacionalista hindu Narendra Modi não cumpriu as promessas de proteger as minorias religiosas.
Indonésia	●	↓	Estado, Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Mais de 1.000 igrejas fechadas desde 2006. Existem 147 "leis e políticas discriminatórias" em relação às religiões. Desde 2003, 150 pessoas foram presas ou detidas no âmbito da "leis da blasfêmia". Remita Sinaga, de 60 anos, tornou-se a primeira pessoa não muçulmana a receber trinta chicotadas por vender álcool. Igrejas incendiadas.
Irã	●	—	Estado	Até fevereiro de 2016, noventa cristãos foram detidos, presos ou aguardavam julgamento, por causa das suas crenças. Não muçulmanos excluídos de cargos políticos superiores ou de cargos militares, não podendo igualmente servir nos serviços judiciais, nos serviços de segurança, etc.
Iraque	●	—	Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Genocídio, assassinatos, torturas, violação, rapto e destruição de locais de culto pelo grupo Estado Islâmico (EI) e outros extremistas. Êxodo em massa de cristãos, yazidis, mandeanos e outras comunidades minoritárias perseguidas.
Cazaquistão	●	—	Estado	Proibição de atividades religiosas não registradas, incluindo distribuição de literatura religiosa no exterior dos locais de culto. Restrições rigorosas em reação à ameaça de violência islamita.
Quênia	●	↓	Entidades não estatais (internacionais)	Massacre na Universidade de Garissa matou 148 pessoas. Ataque a um centro comercial matou 67 pessoas. Cidadãos quenianos não se sentem protegidos pelas forças de segurança. Tanto cristãos como muçulmanos sentem as consequências da violência religiosa.
Laos	●	—	Estado	O decreto 92 regulamenta todos os assuntos religiosos, impondo restrições à propagação das religiões e controle estatal sobre as publicações religiosas com exceção do Budismo.

País	Categoria	Comparação com Junho de 2014	Principal violador	Indicadores-chave
Líbia	●	↓	Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Decapitação de vinte e um coptas pelo grupo Estado Islâmico (EI). Proibição de proselitismo e aumento do número de assassinatos de pessoas das minorias religiosas. Devido à falta de um Governo unido, as organizações extremistas estão se expandindo, incluindo o grupo Estado Islâmico (EI).
Maldivas	●	—	Estado	Constituição afirma que os não muçulmanos não podem ser cidadãos das Maldivas. Governo alega que o país é 100% muçulmano, apesar da presença de cerca de 100 mil não muçulmanos. O proselitismo por parte dos não muçulmanos é proibido. Literatura não islâmica não pode ser trazida para o país.
Mauritânia	●	↓	Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Crescente influência dos grupos islâmicos extremistas que se opõem aos grupos não muçulmanos. Proibição de distribuição de literatura não islâmica. Grupos não muçulmanos não conseguem registrar-se e têm de encontrar-se em segredo.
Níger	●	↓	Entidades não estatais (internacionais)	Fundamentalismo islâmico, em especial o Boko Haram, vindo de países vizinhos. Em janeiro de 2015, dez pessoas foram mortas e 80% das igrejas do Níger (setenta e duas no total) foram violentamente atacadas e incendiadas como reação à uma sátira do jornal Charlie Hebdo.
Nigéria	●	—	Entidades não estatais (internacionais)	Cerca de 2,5 milhões de pessoas foram deslocados pela violência do Boko Haram, e 219 das 279 garotas raptadas em 2014 ainda estão desaparecidas, dois anos depois. Contudo, os líderes religiosos apoiam publicamente gestos de convivência pacífica e resolução de conflitos.
Coreia do Norte	●	—	Estado	O Cristianismo é visto como uma ferramenta da intervenção estrangeira do Ocidente. O Reverendo Hyeon Lim, de 60 anos, foi condenado a trabalhos forçados perpétuos, por acusações de subversão e uso da religião para derrubar o Estado.
Territórios Palestinos	●	—	Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Comunidade cristã afetada pela guerra entre Israel e o Hamas. Em maio de 2016 o presidente da Palestina afirmou que a proteção dos Cristãos na Palestina era "um dever".
Paquistão	●	↓	Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Um total de setenta e oito pessoas morreram no Domingo de Páscoa de 2016, durante um ataque suicida em Lahore. Em março de 2015, ataques a duas igrejas em Lahore mataram dezessete pessoas.
Catar	●	↑	Estado	As religiões não abraâmicas não podem estabelecer locais de culto. Oito denominações cristãs registradas estão autorizadas a prestar culto em público numa área disponibilizada pelo Estado.
Arábia Saudita	●	—	Estado	Sucessão do rei Salman não alterou a situação dos grupos minoritários. Autoridades fecharam mais de 10 mil contas de Twitter em 2014, por causa de infrações religiosas.
Somália	●	—	Entidades não estatais (internacionais)	O grupo Al-Shabaab continua atacando não muçulmanos. Não existem locais de culto não muçulmanos oficiais.

País	Categoria	Comparação com Junho de 2014	Principal violador	Indicadores-chave
Sudão	●	↓	Estado	Os ministros religiosos foram detidos. Terrenos da Igreja foram apreendidos. Penas por apostasia e blasfêmia foram tornadas mais restritas com alterações recentes.
Síria	●	—	Estado, Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Ataques do grupo Estado Islâmico (EI) a minorias religiosas amplamente reconhecidos como genocídio. O EI tomou aldeias cristãs assírias no rio Khabur, milhares fugiram, e cerca de 220 cristãos foram detidos.
Tajiquistão	●	↓	Estado	Na Primavera de 2015, homens muçulmanos foram obrigados a cortar as barbas. Em abril de 2015, o Estado proíbe os muçulmanos com menos de 35 anos de idade de participarem na peregrinação do Hajj a Meca. Mulheres e jovens abaixo dos 18 anos foram proibidos de frequentar mesquitas. A lei de 2016 proíbe dar nomes islâmicos aos bebês.
Tanzânia	●	↓	Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Houve um aumento do número de ataques a igrejas, mas muçulmanos moderados opõem-se a islâmicos radicais.
Turquia	●	—	Estado, Entidades não estatais (internacionais)	Restrições repressivas à construção de igrejas e de outros edifícios religiosos. O grupo Estado Islâmico (EI) e outros grupos islamitas reivindicaram a responsabilidade de ataques violentos.
Turquemenistão	●	—	Estado	A instrução religiosa privada é proibida. A literatura religiosa é sujeita à censura. Os fiéis continuam sofrendo frequentes ataques, multas, encarceramentos e confisco de materiais religiosos.
Ucrânia	●	—	Estado	As autoridades devem ser notificadas de encontros religiosos públicos com pelo menos dez dias de antecedência. Atividades de grupos religiosos estrangeiros restringidas. Foram implementadas na Crimeia leis russas mais duras relativamente à liberdade religiosa após a anexação.
Uzbequistão	●	—	Estado	Os grupos protestantes foram invadidos por violarem as leis dos encontros religiosos e multados por possuírem Bíblias e outras literaturas religiosas. O ACNUR exortou o Uzbequistão a "garantir uma liberdade religiosa e de crença genuínas".
Vietnã	●	—	Estado	Graves restrições à evangelização. Autoridades locais no planalto central do país restringem fortemente a prática religiosa. Questões de ameaças de apreensão de bens pertencentes a grupos religiosos e recuperação de bens anteriormente confiscados.
Iêmen	●	↓	Entidades não estatais (internacionais), Entidades não estatais (locais)	Grupo Estado Islâmico (EI) reivindicou responsabilidade de "uma série" de ataques a mesquitas xiitas. Março de 2016: quatro Missionárias da Caridade entre os dezesseis mortos durante um ataque islâmico e um sacerdote raptado. Israel evacuou secretamente dezenove judeus em plena escalada de violência e discriminação.

religious-freedom-report.org

A **ACN** é uma instituição católica que apoia os fiéis onde quer que eles sejam perseguidos, oprimidos ou precisam de ajuda. Atua sobre os pilares da informação, oração e ação. Fundada no Natal de 1947, a **ACN** tornou-se uma Fundação Pontifícia da Igreja em 2011. Todos os anos, a organização atende a mais de 6.000 pedidos de ajuda de bispos e superiores religiosos em cerca de 140 países, incluindo: ajuda de emergência para os que fogem da perseguição; formação de seminaristas; impressão de Bíblias e de literatura religiosa; apoio a sacerdotes e religiosos em circunstâncias difíceis; construção e reforma de igrejas e capelas; e ajuda a refugiados.

☎ 11 2344 3740 | www.acn.org.br | atendimento@acn.org.br